

Baudelaire

Author

PEQUENOS POEMAS

EM PROSA [O SPLEEN DE PARIS]

Title

Dorothee de Bruchard

Translator

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



BIBLIOTECA CLÁSSICA

BAUDELAIRE

(1821-1867)

**PEQUENOS
POEMAS
EM PROSA**

Le Spleen de Paris

ATHENA EDITORA

RIO DE JANEIRO

SINOPSE

“Quem de nós não sonhou, em dias de ambição, com o milagre de uma prosa poética, musical, sem ritmo e sem rima, bastante maleável e variada para adaptar-se aos movimentos líricos da alma, às ondulações da fantasia, aos sobressaltos da consciência?” — escreve Baudelaire ao contemporâneo e amigo Arsène Houssaye, referindo-se aos sentimentos que lhe inspiraram este livro. E essa ambição foi realizada, plenamente realizada, malgrado o modesto receio em contrário manifestado pelo autor.

São verdadeiros poemas em prosa os pequenos contos aqui reunidos. Um grande e profundo sentimento poético, poderosamente auxiliado por uma imaginação fertilíssima e por um estilo sempre diverso e cheio de ritmo, é vazado em toda a extensão destas páginas.

Amor, ternura, sonho, ambição, bondade, angústia, bonomia, egoísmo, ciúme, sofrimento, em suma, todas as múltiplas variações da psicologia do poeta aqui se refletem em seus grandes momentos.

Não será, talvez, um livro genial; mas é certamente, e antes de tudo, da primeira à última linha, um grande livro humano, acentuadamente humano, como muito poucos.

NOTÍCIA BIOGRÁFICA



Charles Pierre Baudelaire nasceu em Paris, em 9 de abril de 1821. Era filho de um pintor amador adido à administração do Senado. Ainda muito criança, perdeu o pai, tornando sua mãe a casar-se com o coronel Aupick, que foi mais tarde marechal de campo e embaixador da França em Constantinopla, em Londres e em Madri.

Baudelaire iniciou seus estudos no colégio de Lyon e terminou-os no Liceu Luiz O Grande em 1839. A despeito da vontade da família, não quis seguir nenhuma carreira, para consagrar-se exclusivamente à literatura. Foi então que seus pais, para vencer-lhe a resistência, resolveram embarcá-lo num navio mercante com destino a Calcutá. Ele, porém, não chegou ao termo da viagem e, após uma ausência de dez meses, regressou à França.

Ao atingir a maioridade, recebeu Baudelaire uma fortuna de cerca de setenta e cinco mil francos, que o pai lhe deixara como herança. Vendo-se finalmente livre, foi morar na ilha de Saint Louis, onde travou relações de amizade com Banville, Levasseur, Prarond e outros jovens poetas e artistas.

Notável influência na formação de seu espírito exerceram as obras de Edgar Poe, seu contemporâneo, que ele, desde criança familiarizado com a língua inglesa através das viagens que fizera, traduziu para o francês com uma perícia verdadeiramente magistral, reunindo-as em cinco volumes: Histórias Extraordinárias, Novas Histórias Extraordinárias, Aventuras de Arthur Gordon Pym, Eureka e Histórias Sérias e Jocosas.

Quanto às obras de Baudelaire, muitas das quais foram condenadas e perseguidas, passaram a constituir, logo depois de sua morte, verificada em Paris a 31 de Agosto de 1867, uma edição definitiva, composta de quatro volumes: Flores do Mal, Curiosidades Estéticas, A Arte Romântica e Pequenos Poemas em Prosa. Desse último volume, que aparece sob esse título geral, mas que encerra diferentes trabalhos, extraímos os poemas cuja primeira tradução brasileira aqui oferecemos ao público.

A ARSÈNE HOUSSAYE

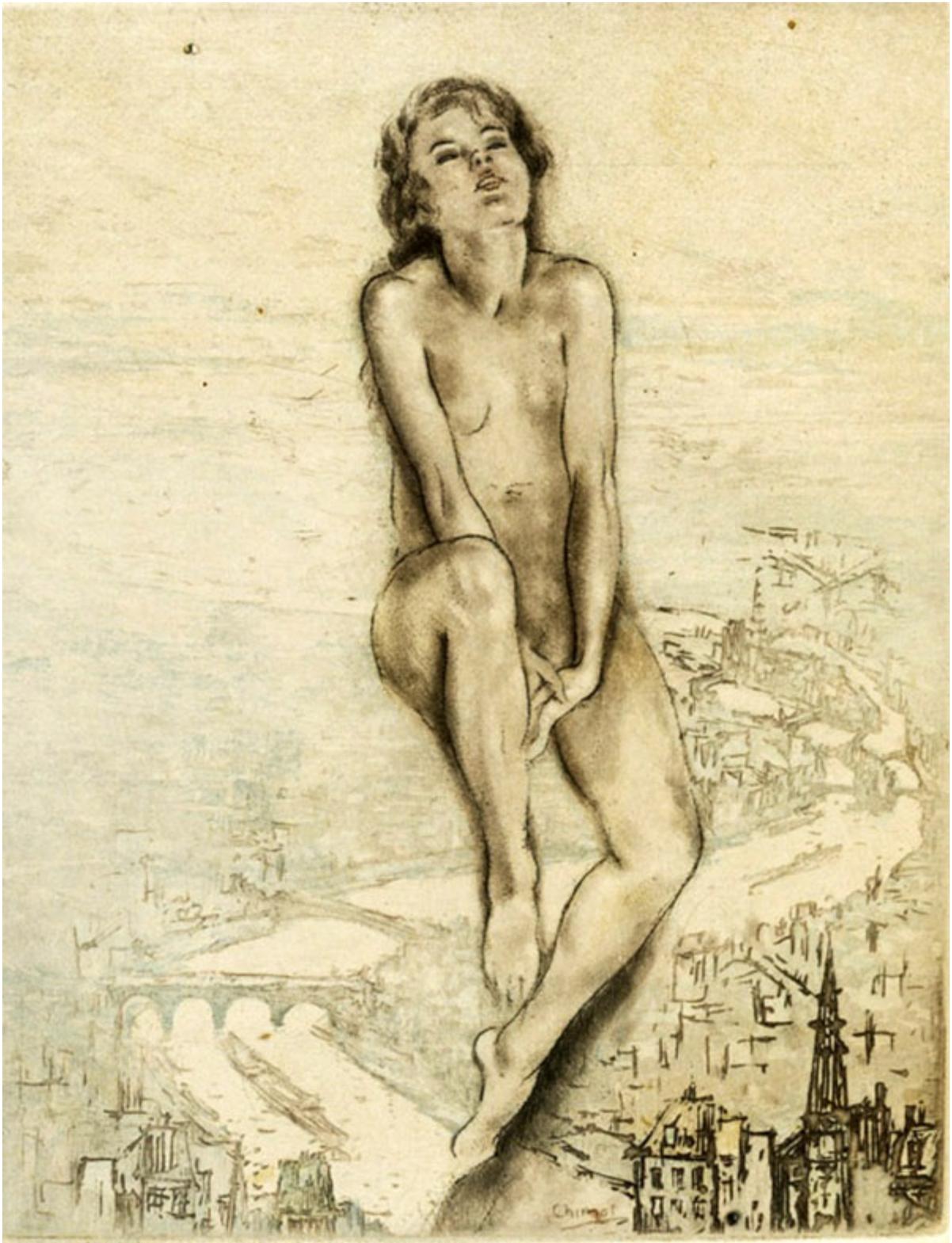
(1) Meu caro amigo: Envio-lhe um pequeno trabalho do qual não se poderia dizer, sem injustiça, que não tem cauda nem cabeça, porque nele, ao contrário, tudo é ao mesmo tempo cabeça e cauda, alternativa e reciprocamente. Peço-lhe considerar as admiráveis comodidades que esta combinação a todos nos oferece, a você, a mim e ao leitor. Podemos interromper onde quisermos: eu o meu sonho, você o manuscrito, o leitor a leitura. Não quero suspender a vontade de parar do leitor no fio interminável de uma intriga superfina. Tire uma vértebra, e os dois pedaços dessa tortuosa fantasia tornarão a juntar-se sem dificuldade. Pique-a em numerosos fragmentos, e verá que cada um pode existir à parte. Na esperança de que alguns destes fragmentos sejam bastante vivos para lhe agradar e o divertir, ousou dedicar-lhe a serpente toda.

Tenho uma pequena confissão que lhe fazer. Foi ao folhear, no mínimo, pela vigésima vez, o famoso Gaspard de la Nuit, de Aloysius Bertrand (2) (não terá um livro que você, eu e algum dos nossos amigos já conhecemos, todos os direitos de chamar-se famoso?), que me veio a ideia de tentar alguma coisa de análogo e de aplicar à descrição da vida moderna, ou antes, de uma vida moderna e mais abstrata, o processo que ele aplicara à pintura da vida antiga, tão estranhamente pitoresca.

Quem de nós não sonhou, em dias de ambição, com o milagre de uma prosa poética, musical, sem ritmo e sem rima, bastante maleável e variada para adaptar-se aos movimentos líricos da alma, às ondulações da fantasia, aos sobressaltos da consciência? É sobretudo da frequência das cidades enormes, do cruzamento de suas inumeráveis relações, que nasce a obsessão desse ideal. Você mesmo, meu caro amigo, não tentou traduzir numa canção o grito estridente do Vidraceiro e exprimir numa prosa lírica todas as desoladoras sugestões que esse grito envia às mansardas, através as mais altas brumas da rua? Mas, para falar a verdade, receio que a minha ambição não tenha sido feliz. Mal comecei a tarefa, percebi não só que estava muito longe do meu misterioso e brilhante modelo, mas ainda que fazia alguma coisa (se isto pode chamar-se alguma coisa) de singularmente diverso, circunstância que sem dúvida orgulharia qualquer outro que não eu, mas que só pode humilhar profundamente um espírito que considera como a maior honra para um poeta a justa realização do que projetou fazer.

Afetuosamente,

CHARLES BAUDELAIRE



I

O ESTRANGEIRO

— Quem mais amas, homem enigmático, responde: teu pai, tua mãe, tua irmã ou teu irmão? — Não tenho pai, nem mãe, nem irmã, nem irmão.

— Teus amigos? — Você emprega uma palavra cujo sentido até hoje desconheço.

— Tua pátria? — Ignoro a que latitude está situada.

— A beleza? — Eu gostaria de amá-la, deusa e imortal.

— O ouro? — Odeio-o tanto quanto você a Deus.

— Que amas então, extraordinário estrangeiro? — Amo as nuvens... as nuvens que passam ao longe... as nuvens maravilhosas!

II

O DESESPERO DA VELHA

A velhinha encarquilhada ficou toda contente ao ver a linda criança a quem todos faziam festa, a quem toda a gente queria agradar: linda criatura, frágil como a velhinha, sem dentes e sem cabelos como a velhinha.

Aproximou-se, sorrindo-lhe e fazendo-lhe afagos.

Mas a criança, espantada, debatia-se sob as carícias da boa mulher decrépita e enchia a casa de gritos.

Então, a boa velha retirou-se na solidão eterna e, chorando a um canto, disse consigo: — Ah! Para nós, velhas fêmeas infelizes, já passou a idade de agradar, mesmo aos inocentes; e causamos horror às criancinhas que queremos amar!

III

CONFISSÃO DE ARTISTA

Como são penetrantes as tardes de outono! Penetrantes até à dor! Há certas sensações deliciosas em que o vazio não exclui a intensidade. E não há ponta mais acerada que a do infinito.

Grande delícia, mergulhar os olhos na imensidão do céu e do mar! Solidão, silêncio, incomparável castidade do azul! Pequena vela a tremular no horizonte, cuja fraqueza e isolamento imitam minha irremediável existência. Melodia monótona das ondas. Todas essas coisas pensam por mim, ou eu penso por todas: na grandeza do sonho, o eu logo se perde! Pensam, repito, mas musical e pinturescamente, sem argúcias, sem silogismos, sem deduções.

Todavia, esses pensamentos, que partem de mim ou se precipitam das coisas, logo se tornam demasiado intensos. A energia na volúpia cria uma inquietude e um sofrimento positivos. Meus nervos, tensos demais, dão apenas vibrações agudas e dolorosas.

E agora a profundeza do céu me consterna; exaspera-me a sua limpidez. Revoltam-me a

insensibilidade do mar, a imutabilidade do espetáculo... Ah! Será preciso sofrer eternamente, ou evitar eternamente o belo? Natureza, impiedosa feiticeira, rival sempre vitoriosa, deixame! Não tentes os meus desejos e o meu orgulho! A contemplação do belo é um combate em que o artista grita de pavor antes de ser vencido.

IV

O GAIATO

Era a explosão do novo ano: caos de lama e de neve, atravessado por mil carroças, cintilante de brinquedos e de bombons, repleto de cobiças e desesperos. Delírio oficial de uma grande cidade, feito para perturbar o cérebro do mais forte solitário.

No meio da algazarra e do burburinho, um burro trotava ligeiro, fustigado por um maroto armado de chicote.

Quando o burro ia dobrando uma esquina, junto à calçada, um cavalheiro todo enluvado, elegante, cruelmente engravatado e encarcerado numa roupa nova, inclinou-se cerimoniosamente diante do humilde animal e disse-lhe, tirando o chapéu: — Saúde e felicidade! Depois, voltou-se para os companheiros com um ar enfatuado, como para pedir-lhes que aplaudissem o seu contentamento.

O burro não viu o elegante gaiato e continuou a correr zelosamente para onde o chamava o dever.

Quanto a mim, tomou-me de repente uma raiva incomensurável daquele magnífico imbecil, que me pareceu concentrar em si todo o espírito da França.

O QUARTO DUPLO

Um quarto que parece um sonho, quarto verdadeiramente espiritual, onde a atmosfera parada está ligeiramente tinta de rosa e azul.

A alma toma aqui um banho de preguiça, aromatizado pela saudade e pelo desejo. É algo de crepuscular, de azulado e de róseo. Sonho de volúpia durante um eclipse.

Os móveis têm formas alongadas, prostradas, lânguidas. Parecem sonhar. Dir-se-iam dotados de vida sonambúlica, como o vegetal e o mineral. As almofadas falam uma língua muda, como as flores, como o céu, como o sol poente.

Nas paredes, nenhuma abominação artística. Relativamente ao sonho puro, à impressão não analisada, a arte definida, a arte positiva é uma blasfêmia. Tudo tem, aqui, claridade bastante e a deliciosa obscuridade da harmonia.

Um aroma infinitesimal da mais refinada escolha, ao qual se mistura levíssima umidade, paira nesta atmosfera onde o espírito sonolento é embalado por sensações de estufa.

Chove a musselina em abundância diante das janelas e do leito, espreado-se em cascatas de neve. Deitada no leito está o ídolo, a soberana dos sonhos. Como, porém, se encontra aqui? Quem a trouxe? Que mágico poder instalou-a neste trono de sonho e volúpia? Que importa? Ei-la! Reconheço-a.

Olhos cuja flama atravessa o crepúsculo; sutis e terríveis cinzeis, que reconheço em sua espantosa malícia! Atraem, subjagam, devoram o olhar do imprudente que os contempla. Muitas vezes fitei essas duas estrelas negras que despertam curiosidade e admiração.

A que demônio benfazejo devo eu o estar assim cercado de mistério, de silêncio e de perfumes? Oh beatitude! O que costumamos chamar vida, mesmo na sua mais feliz expansão, nada tem de comum com esta vida suprema que eu agora conheço e saboreio de minuto a minuto, de segundo a segundo! Não! Já não há minutos, não há segundos! O tempo desapareceu. Reina a Eternidade, uma eternidade de delícias! Súbito, uma pancada terrível ressoa na porta e, como nos sonhos infernais, tenho a impressão de receber no estômago um golpe de picareta.

Entra um Espectro. É um oficial de justiça que vem torturar-me em nome da lei; ou uma infame concubina que vem gritar miséria e ajuntar as trivialidades de sua vida às dores da minha; ou o mensageiro de um diretor de jornal que reclama a continuação do manuscrito.

O quarto paradisíaco, o ídolo, a soberana dos sonhos, a Sílfide (3), como dizia o grande René (4), toda essa magia desaparece com a pancada brutal dada pelo Espectro.

Que horror! Lembro-me bem! Sim, lembro-me bem! Esta choupana, abrigo do eterno desgosto, é realmente a minha. Aqui estão os móveis encardidos, empoeirados, gastos; o fogão sem lume e sem brasa, sujo de escarros; as tristes janelas em cuja poeira se veem os sulcos abertos pela chuva; os manuscritos, apagados ou incompletos; a folhinha, em que o lápis marcou as datas sinistras! E aquele perfume de um outro mundo, com o qual eu me embriagava com requintada sensibilidade – ai de mim! – foi substituído por um fedor de fumo misturado com não sei que mofo nauseabundo. Respira-se, agora, o ranço da desolação.

Neste mundo estreito, mas tão cheio de desgosto, só um objeto conhecido me sorri: a garrafa de láudano. Velha e terrível amiga. Como todas as amigas, ai de mim! Fecunda em carícias e traições.

Oh! Sim! O Tempo reapareceu. O Tempo reina agora, soberano. E com o hediondo

velhote chegou todo o cortejo demoníaco de Lembranças, Saudades, Espasmos, Temores, Angústias, Pesadelos, Cóleras e Neuroses.

Eu vos asseguro que os segundos, agora, são forte e solenemente acentuados, dizendo cada um, ao sair do relógio: — Eu sou a vida, a vida insuportável e implacável! Só um segundo existe, na vida humana, com a missão de anunciar uma boa nova, a boa nova que a todos causa um medo inexplicável.

Sim! O Tempo reina. Reassumi sua ditadura brutal. E me incita, como se eu fora um boi, com seu duplo aguilhão: — Upa! Vamos, besta! Sua, escravo! Vive, maldito!

VI

CADA QUAL COM SUA QUIMERA

Sob um grande céu de cinza, numa vasta planície poeirenta, sem estradas, sem mato, sem espinho, sem urtiga, encontrei vários homens, curvados, a marchar.

Cada um deles levava às costas uma enorme Quimera (5), pesada como um saco de farinha ou de carvão, ou como a mochila de um infante romano.

Mas a monstruosa besta não era um peso inerte. Ao contrário, envolvia e oprimia o homem com músculos elásticos e potentes. Cravava as garras enormes no peito da montaria. E a cabeça fabulosa dominava a frente do homem, como os elmos medonhos com que os guerreiros antigos pretendiam aumentar o terror do inimigo.

Interpelei um daqueles homens e perguntei-lhe aonde iam. Respondeu-me que não sabia, nem ele, nem os outros. Evidentemente, porém, acrescentou, iam a alguma parte, pois eram levados por uma incrível necessidade de marchar.

Coisa curiosa: nenhum dos viajantes parecia irritado com a fera que levava suspensa ao pescoço e colada às costas; dir-se-ia que a considerava como fazendo parte de si mesmo.

Nenhum daqueles rostos fatigados e sérios demonstrava o menor desespero. Sob a cúpula melancólica do céu, pés mergulhados na areia de um chão tão desolado quanto o céu, caminhavam com a fisionomia resignada dos que estão condenados a esperar sempre.

O cortejo passou ao meu lado e afundou-se na atmosfera do horizonte, no lugar em que a superfície arredondada do planeta se furta à curiosidade do olhar humano.

Durante alguns instantes, obstinei-me em querer compreender esse mistério. Logo, porém, a irresistível indiferença abateu-se sobre mim, e eu me senti mais oprimido do que eles com as pesadas Quimeras.

VII

O BOBO E A VÊNUS

Dia admirável! O vasto parque desmaia sob o olhar candente do sol, como a juventude sob o domínio do amor.

O êxtase universal das coisas exprime-se sem nenhum ruído. Até as águas parecem adormecidas. Ao contrário das festas humanas, há aqui uma orgia silenciosa.

Dir-se ia que uma luz cada vez mais intensa vai dando maior brilho aos objetos; que as flores excitadas ardem de desejo de rivalizar com o azul do céu pela energia das cores; e que o calor, tornando-lhes visível o perfume, fã-lo subir em direção ao astro, como fumaça.

Todavia, nessa felicidade universal, notei um ser aflito.

Aos pés de uma Vênus gigantesca, um desses bobos artificiais, desses tolos voluntários encarregados de fazer rir os reis quando o Remorso ou o Tédio os persegue, vestindo uma roupa berrante e ridícula, coroadado de chifres e de guizos, todo encolhido junto à estátua, levanta os olhos cheios de lágrimas para a Deusa imortal.

Dizem os seus olhos: — Sou o último e o mais solitário dos homens, privado de amor e de amizade, e muito inferior, portanto, ao mais imperfeito dos animais. E fui feito, também eu, para compreender e sentir a Beleza imortal! Oh! Deusa! Tende pena da minha tristeza e do meu delírio! Mas, a Vênus implacável fita, ao longe, não sei quê, com seus olhos de mármore.

VIII

O CÃO E O FRASCO

— Meu lindo cachorro, meu bom cão, querido totó! Aproxime-se, venha respirar um excelente perfume comprado na casa do melhor perfumista da cidade.

E o cão, sacudindo a cauda, o que me parece ser, nesses pobres seres, um sinal correspondente à gargalhada e ao sorriso, aproxima-se e pousa curiosamente o focinho no frasco aberto. Mas depois, recuando bruscamente, assustado, late contra mim, à guisa de censura.

— Ah! miserável cão, se eu lhe tivesse oferecido um punhado de excremento, você o farejaria com delícia e talvez o devorasse. Até você, indigno companheiro de minha vida triste, se parece com o público, ao qual nunca se devem apresentar perfumes delicados que o exasperem, mas sujeiras cuidadosamente escolhidas.

IX

O MAU VIDRACEIRO

Há naturezas puramente contemplativas e de todo impróprias para a ação. No entanto, por um impulso misterioso e desconhecido, agem às vezes com uma rapidez de que elas mesmas se julgariam incapazes.

Uns, com receio de encontrar na entrada de casa mais outra infeliz, perambulam covardemente diante da porta, sem se decidirem a entrar; outros guardam uma carta durante quinze dias sem abri-la; outros só ao cabo de seis meses se resignam a fechar um negócio necessário há mais de um ano. Não obstante, às vezes, sentem-se bruscamente precipitados na ação por uma força irresistível, como a flecha de um arco. O médico e o moralista, que tudo pretendem saber, não podem explicar como essas almas ociosas e cheias de volúpia adquirem de repente tão louca energia, nem como, embora incapazes de realizar as coisas mais simples e mais necessárias, revelam de uma hora para outra uma coragem inaudita para praticar os atos mais absurdos e muitas vezes os mais perigosos.

Um dos meus amigos, o mais inofensivo sonhador que jamais existiu, incendiou certa vez uma floresta, para ver, dizia ele, se o fogo pegava com tanta facilidade como em geral se afirmava. Dez vezes em seguida, a experiência falhou; mas, na décima primeira, teve um êxito completo.

Haverá quem acenda um charuto ao lado de uma barrica de pólvora, para ver, para saber, para tentar o destino, para ver-se forçado a dar prova de energia, a arriscar-se, para conhecer os prazeres da ansiedade, ou à tôa, por capricho, por distração.

É uma espécie de energia que transborda do enfado e do sonho. Aqueles em que ela se manifesta tão inopinadamente são, em geral, como eu disse, os mais indolentes e os mais sonhadores dos seres.

Haverá igualmente quem, embora leve a própria timidez ao ponto de baixar os olhos quando encara os homens, e ao ponto de precisar reunir toda a sua pobre vontade para entrar num café ou passar diante da bilheteria de um teatro, onde os fiscais lhe parecem revestidos da majestade de Minos (6), de Eaco (7) ou de Radamanto (8), saltará bruscamente ao pescoço de um velho que passar ao seu lado e o abraçará com entusiasmo diante da multidão espantada.

Porquê? Porque... porque essa fisionomia lhe era irresistivelmente simpática? Talvez; é mais legítimo, porém, supor que ele próprio não sabe porquê.

Eu tenho sido, por mais de uma vez, vítima dessas crises e desses impulsos, que nos autorizam a acreditar que haja demônios maliciosos dentro de nós, para nos fazerem realizar, à nossa revelia, as suas mais absurdas vontades.

Uma manhã, eu me levantara mal humorado, triste, cansado de ócio. E, sentindo-me levado a fazer alguma coisa grandiosa, a praticar um ato notável, abri a janela, e ai de mim! (Peço-vos observar que o espírito de mistificação que, em certas pessoas, não é o resultado de um trabalho ou de uma combinação, mas de uma inspiração fortuita, participa muito, embora só pelo ardor do desejo, desse humor, histérico segundo os médicos, que nos leva a praticar sem resistência uma porção de atos perigosos ou inconvenientes.).

A primeira pessoa que descobri na rua foi um vidraceiro cujo grito agudo, discordante, subiu até a mim através a pesada e suja atmosfera parisiense. Ser-me-ia, aliás, impossível dizer porque fui tomado para com aquele pobre homem de um ódio tão súbito quanto despótico.

— Olá! Olá! — gritei-lhe dizendo que subisse.

E ao mesmo tempo eu pensava, não sem um certo contentamento, que, sendo o quarto no sexto andar e a escada muito estreita, o homem devia encontrar dificuldade na subida e ir batendo em vários lugares com os ângulos de sua frágil mercadoria.

Afinal, ele apareceu e eu pus-me a examinar curiosamente os vidros, dizendo-lhe: — Como? Não tem vidros de cor? Cor de rosa, vermelhos, azuis, mágicos, do paraíso? Sem vergonha! Tem a coragem de andar passeando nos bairros pobres sem ter vidros que embelezem a vida! E o empurrei com força pela escada abaixo, por onde ele foi rolando aos gritos.

Depois, aproximei-me da sacada, segurando uma pequena jarra de flores, e, quando o homem tornou a aparecer na saída da porta, deixei-lhe cair perpendicularmente o meu engenho de guerra em cima da bagagem. O choque derrubou-o e ele acabou de quebrar com as costas toda aquela fortuna ambulatória, que produziu o ruído estridente de um palácio de cristal atingido pelo raio.

Então, ébrio de loucura, gritei-lhe furiosamente: — A vida embelezada! A vida

embelezada! Essas nervosas brincadeiras não deixam de ter seus riscos e podem custar caro. Mas, que importa a eternidade da maldição, para quem achou num segundo o gozo infinito?

X

À UMA HORA DA MADRUGADA

Enfim, só! Já não se ouve o rodar dos carros retardados e sonolentos. Durante algumas horas teremos o silêncio, se não o repouso. A tirania da face humana desapareceu, enfim, e eu só terei de sofrer por mim mesmo.

Enfim! Posso agora revigorar-me num banho de trevas! Antes, porém, mais uma volta na fechadura. Parece-me que essa volta de chave aumentará minha solidão e fortificará as barricadas que ora me separam do mundo.

Vida horrível! Vida medonha! Recapitulemos o dia: Vi vários homens de letras, um dos quais me perguntou se se podia ir à Rússia por via terrestre, pois decerto tomava a Rússia por uma ilha...

Discuti generosamente com o diretor de uma revista, que a cada objeção respondia: “Aqui é o partido dos homens honestos”, o que significa que todos os outros jornais são redigidos por tratantes...

Cumprimentei uma vintena de pessoas, quinze das quais eu não conheço...

Distribuí apertos de mão na mesma proporção, sem ter tido o cuidado de comprar luvas...

Subi, para matar o tempo, durante uma tempestade, à casa de uma dançarina que me pediu que lhe desenhasse uma túnica de Vênus...

Fiz a corte a um diretor, que me disse ao despachar-me: “Você talvez fizesse bem em dirigir-se a Z..., que é o mais grosseiro, o mais tolo e o mais famoso de todos os meus autores. Com ele, talvez você pudesse arranjar alguma coisa. Procure-o e depois veremos...” Gabei-me, não sei porquê, de vários atos desonestos que não cometi e neguei outros que pratiquei com alegria: delito de fanfarronada, crime de respeito humano. Recusei a um amigo um favor fácil e dei uma recomendação por escrito a um perfeito cretino.

Ufa! Que terminei.

Desgostoso de todos e de mim mesmo, eu desejaria compensar-me e envaidecer-me um pouco no silêncio da solidão da noite. Almas dos que amei, almas dos que cantei, fortificai-me, apoiai-me, afastai de mim a mentira e os vapores de corrupção do mundo! E vós, Senhor, meu Deus, concedei-me a graça de produzir alguns belos versos que me provem não ser eu o último dos homens, nem inferior aos que desprezo.

XI

A MULHER SELVAGEM E A AMANTE

“Na verdade, querida, você me cansa demais e sem piedade. Dir-se-ia, ouvindo-a suspirar, que você sofre mais do que as camponesas sexagenárias e as velhas mendigas que catam migalhas de pão à porta dos cabarés.

“Se os seus suspiros ao menos exprimissem remorso, seriam para você uma honra; mas traduzem apenas a saciedade do bem estar e a prostração do repouso. Além disso, você não cessa de derramar-se em palavras inúteis: “— Ame-me bastante! Tenho necessidade disso! Console-me, acaricie-me! “Ouça, quero tentar sua cura. Talvez descubramos o meio para isso, entre duas notas musicais, no meio de uma festa, sem irmos muito longe.

“Veja essa jaula de ferro. Agita-se lá no fundo, urrando como um danado, sacudindo as grades como um orangotango exasperado pelo exílio, imitando com perfeição ora os saltos circulares do tigre, ora os bamboleios estúpidos do urso branco, aquele monstro cuja forma lembra vagamente a sua.

“É esse monstro um dos animais que se costumam chamar ‘meu anjo!’, isto é, uma mulher. O outro monstro, o que grita desesperadamente, com um pau na mão, é o marido.

Acorrentou a mulher legítima como uma fera e mostra-a agora nos subúrbios, em dias de feira, com licença dos magistrados, naturalmente.

“Preste bem atenção! Veja com que voracidade (talvez sincera!) ela estraçalha coelhos vivos e aves estertorantes jogadas pelo tratador.

“— Vamos — diz ele — não coma tudo num só dia.

“E, com essa frase cautelosa, arranca-lhe cruelmente a presa, cujas tripas desfiadas permanecem um instante seguras nos dentes da fera, quero dizer, da mulher.

“Vamos! Uma boa paulada para acalmá-la, que ela lança olhares terríveis de cobiça sobre o alimento arrebatado. Meu Deus! Aquele pau não é um pau de comédia! Pois não ouvistes ressoar a carne, a despeito do pêlo inútil? Também os olhos saem agora da cabeça, e ela urra com mais naturalidade. Faísca de raiva, como o ferro que se bate.

“Tais são, meu Deus, os costumes conjugais dos dois descendentes de Adão e Eva, obra das vossas mãos! Essa mulher é incontestavelmente infeliz, se bem que, afinal de contas, talvez não desconheça os prazeres crepitantes da glória. Há desgraças mais irremediáveis e sem compensação. Mas, no mundo em que foi lançada, jamais pôde ela supor que a mulher merecesse outro destino.

“Agora, nós dois, amante querida! Vendo os infernos que povoam o mundo, que pretende você que eu pense do seu belo inferno? você, que só repousa sobre almofadas macias como sua pele? que só come carne cozida, que um criado hábil tem o cuidado de picar em pedaços? “Que podem significar para mim, oh robusta faceira, todos esse pequenos suspiros que lhe enchem o peito perfumado? E toda essa afetação aprendida nos livros, e essa infatigável melancolia, feita para inspirar ao espectador um sentimento bem contrário ao da piedade? De fato, tenho às vezes o desejo de lhe ensinar o que é a verdadeira desgraça.

“Vendo-a assim, meu lindo amor, com os pés na lama e os olhos vaporosamente voltados para o céu, como para pedir-lhe um rei, dir-se-ia que você parece uma jovem rã que invocasse o ideal. E, se desprezar o soba (que é o que sou agora, como sabe), cuidado com o grou que a esmigalhará, engolirá e matará quando bem entender! “Por mais poeta que eu seja, não sou tão idiota quanto você o julga. E, se me cansar demais com suas preciosas choradeiras, passarei a tratá-la como mulher selvagem, ou a atirarei pela janela, como uma garrafa vazia.”

XII

AS MULTIDÕES

Nem todos podem tomar um banho na multidão: ter o prazer da turba é uma arte. Só assim se pode oferecer, à custa do gênero humano, um banquete de vitalidade, a quem uma fada insuflou, no berço, o gosto da dissimulação, a máscara, o ódio ao domicílio e a paixão da viagem.

Multidão, soledade: termos iguais e convertíveis pelo poeta imaginoso e fecundo.

Quem não sabe povoar a própria solidão não sabe tão pouco isolar-se na massa inquieta.

O poeta goza do incomparável privilégio de poder, à vontade, ser ele próprio e outrem. Como as almas errantes que procuram um corpo, ele entra, quando quer, na personalidade de cada um. Só para ele, tudo está vazio; e, se certos lugares parecem-lhe interditos, é que a seus olhos não valem a pena de ser visitados.

O passeador solitário e pensativo experimenta uma singular embriaguez nessa comunhão universal. Quem esposa facilmente a multidão conhece prazeres febris, dos quais estarão eternamente privados o egoísta, fechado como um cofre, e o preguiçoso, internado como um molusco. Adota como suas todas as ideias, todas as alegrias e todas as misérias que as circunstâncias lhe apresentam.

O que os homens denominam amor é muito pequeno, restrito e frágil, quando comparado à inefável orgia, à santa prostituição da alma que se entrega toda, poesia e caridade, ao imprevisto que aparece, ao desconhecido que passa.

Convém mostrar, às vezes, aos felizardos do mundo, ao menos para humilhar um instante o seu tolo orgulho, que há venturas superiores à deles, mais vastas e mais refinadas.

Os fundadores de colônias, os pastores de povos, os sacerdotes missionários exilados nos confins do mundo, conhecem sem dúvida alguma coisa dessa embriaguez misteriosa; e, no seio da vasta família que o seu gênio formou, devem rir, às vezes, dos que lhes deploram o destino agitado e a vida tão casta.

XIII

AS VIÚVAS

Conta Vauvenargues (9) que, nos jardins públicos, existem aleias frequentadas sobretudo pela ambição falida, pelos inventores infelizes, pelas glórias perdidas, pelos corações oprimidos, por todas as almas tumultuosas e fechadas, nas quais ainda ressoam os últimos suspiros de uma tempestade e que escapam para longe do olhar insolente dos satisfeitos e dos ociosos. Esses retiros sombrios são os pontos de encontro dos estropiados da vida.

É principalmente para esses lugares que o poeta e o filósofo gostam de dirigir as suas ávidas conjecturas. Há neles um pasto certo. É que, se um lugar existe que desdenham de visitar, como insinuei há pouco, é sobretudo a alegria dos ricos. Essa turbulência no vazio nada tem que os atraia. Sentem-se, ao contrário, irresistivelmente arrastados por tudo o que é fraco, arruinado, triste, órfão.

Uma visão experimentada jamais se engana a esse respeito. Naqueles traços rígidos ou abatidos, naqueles olhos cavos e ternos, ou com o brilho dos últimos clarões da luta, naquelas rugas profundas e numerosas, naqueles passos tão vagarosos ou tão apressados, decifram-se logo as inumeráveis legendas do amor enganado, do devotamento desconhecido, dos esforços não recompensados, da fome e do frio, humildemente, silenciosamente suportados.

Acaso já vistes viúvas nesses bancos solitários, viúvas pobres? Estejam ou não de luto, é fácil reconhecê-las. Aliás, no luto do pobre, há sempre alguma coisa que falta, uma ausência de harmonia que o torna mais pesado. O rico põe o seu sem nenhuma falha.

Que viúva é mais triste e mais entristece, a que leva pela mão uma criancinha com quem não pode partilhar seu delírio, ou a que está completamente só? Não sei... Aconteceu-me, certa vez, acompanhar durante longas horas uma velha aflita dessa espécie; empertigada,

direita, debaixo de um pequeno xale usado, demonstrava em todo o seu porte uma altivez de estóica.

Estava evidentemente condenada, por uma solidão absoluta. Aos hábitos dos velhos celibatários, e o caráter masculino dos seus costumes acrescentava uma nota de mistério à sua austeridade. Não sei em que miserável café nem de que maneira almoçou. Segui-a ao gabinete de leitura, e observei-a durante todo o tempo em que, relanceando nas gazetas os olhos outrora queimados pelas lágrimas, procurava notícias de um poderoso interesse pessoal.

Por fim, à tarde, sob um céu encantador de outono, um desses céus de onde descem em profusão as saudades e as lembranças, ela sentou-se à parte num jardim, para ouvir, longe da multidão, um desses concertos com que a música dos regimentos gratifica o povo parisiense.

Foi esse, sem dúvida, o pequeno deboche daquela velha inocente (ou daquela velha purificada), o consolo bem ganho de um dos seus pesados dias sem amigo, sem palestra, sem alegria, sem confidente, que Deus deixava cair sobre ela, há tantos anos talvez! Trezentas e sessenta e cinco vezes por ano! Agora uma outra: Nunca pude deixar de volver o olhar, se não universalmente simpático, ao menos curioso, sobre a multidão de párias que se cumprimentam ao redor do recinto de um concerto público. Através a noite, a orquestra espalha canções festivas, de triunfo ou de volúpia. Destacam-se vestidos que se arrastam. Cruzam-se olhares. Os ociosos, cansados de nada terem feito, bamboleiam, fingindo degustar insolentemente a música. Tudo é, aqui, rico e feliz. Tudo respira e inspira a preocupação e a alegria de viver. Tudo, menos o aspecto daquela turba que se apoia, ao longe, no balcão externo, apanhando gratuitamente, ao sabor do vento, um farrapo de música, e contemplando o coruscante ambiente interior.

É sempre interessante esse reflexo da alegria do rico no fundo dos olhos do pobre.

Mas, naquele dia, através aquele povo vestido de algodão e de chita, eu notei um ser cuja nobreza contrastava vivamente com toda a trivialidade do meio.

Era uma mulher alta, majestosa e de feições tão nobres que não me lembro de ter visto alguma que se assemelhasse nas coleções das belezas aristocráticas do passado. Um aroma de altaneira virtude emanava de toda a sua pessoa. O rosto, triste e abatido, correspondia exatamente ao grande luto de que se revestia. Também ela, como a plebe a que se misturara e que ela não via, contemplava o mundo luminoso com um olhar profundo, e escutava, meneando de leve a cabeça.

Visão singular! Certamente, pensei, a pobreza, se pobreza existe, não deve admitir a economia sórdida; é o que me diz aquela nobre fisionomia. Porque, então, permanece ela, voluntariamente, num meio em que aparece como um foco luminoso? Aproximando-me dela com curiosidade, julgo ter descoberto o motivo. A viúva segurava pela mão uma criança igualmente vestida de preto. Por módico que fosse o preço da entrada, seria talvez o bastante para pagar uma das necessidades do pequenino ser, ou melhor ainda, o supérfluo, um brinquedo.

Assim tornará ela a entrar, a pé, meditando e sonhando, só, sempre só. Porque o filho é turbulento, egoísta, sem doçura e impaciente: não pode, como um simples animal, o cão ou o gato, servir de confidente às dores solitárias.

Por toda parte se aglomerava, espalhava-se, divertia-se o povo em festa. Era uma dessas solenidades há muito tempo esperadas pelos saltimbancos, excursionistas, expositores de animais e boticários ambulantes, para compensar os maus tempos do ano.

Tenho a impressão de que nesses dias o povo esquece tudo, a dor e o trabalho, tornando-se semelhante às crianças. Para os pequenos, é um dia feriado, é o horror à escola, adiada por vinte e quatro horas. Para os grandes, é um armistício firmado com as potências maléficas da vida, uma trégua na contenção e na luta universais.

O homem vulgar e o homem ocupado com trabalhos espirituais dificilmente escapam à influência desse jubileu popular. Absorvem, sem querer, uma parte da atmosfera de despreocupação. Quanto a mim, como verdadeiro parisiense, nunca deixo passar em revistas as barracas que se armam nessas épocas solenes.

Era uma concorrência formidável: piavam, mugiam, urravam. Mistura de gritos, de detonações de cobre e de explosões de foguetes. Com o desembaraço de comediantes senhores de ofício, os queues-rouges (10) e os jocrisses (11), convulsionando os traços dos rostos tisonados, curtidos pelo vento, pela chuva e pelo sol, soltavam piadas e graçolas de uma comicidade sólida e pesada como a de Molière. Os Hércules (13), orgulhosos da enormidade dos seus membros, sem fronte e sem crânio, como os orangotangos, remexiam-se majestosamente sob os calções lavados na véspera para a circunstância. As dançarinas, lindas como fadas ou princesas, saltavam e cabriolavam sob o fogo das lanternas, que lhes enchiam os vestidos de centelhas.

Luz, poeira, gritos, alegria, tumulto. Uns gastavam, outros ganhavam. Uns e outros igualmente alegres. As crianças penduravam-se aos vestidos das mães para obter um pauzinho de açúcar, ou subiam aos ombros dos pais para ver melhor um escamoteador deslumbrante como um deus. E por toda parte circulava, dominando todos os perfumes, um odor de gordura que era como um incenso da festa.

No fim, bem no fim da fileira de barracas, como se, envergonhado, se tivesse exilado voluntariamente de todos esses esplendores, eu vi um pobre saltimbanco, curvado, combalido, decrépito, uma ruína de homem, encostado a uma das estacas de sua casinhola; uma casinhola mais miserável do que a do mais bruto selvagem, ainda muito bem iluminada por dois fumegantes pedaços de vela.

Por toda parte, a alegria, o lucro, o deboche. Por toda parte, a certeza do pão para os dias seguintes. Por toda parte, a explosão frenética da vitalidade. Aqui a miséria absoluta, a miséria vestida, por um cúmulo do horror, de cômicos andrajos, em que a necessidade, bem mais do que a arte, introduzira o contraste. O miserável não ria! Não chorava, não dançava, não gesticulava, não gritava. Não entoava nenhuma canção, nem alegre nem comovente.

Não implorava. Estava mudo e imóvel. Renunciara, abdicara. O seu destino estava cumprido.

Passeava o olhar profundo, inolvidável, sobre a multidão e as luzes, cuja onda movediça detinha-se a alguns passos de sua repulsiva miséria! Senti a garganta apertada pela mão terrível da histeria, e pareceu-me que o meu olhar estava ofuscado pelas lágrimas rebeldes que não querem cair.

Que fazer? Para quê perguntar ao infortunado que curiosidade, que maravilha tinha ele para mostras naquelas trevas fétidas, por detrás da cortina esfiapada? Não me atrevia; e, embora a razão da minha timidez vos faça rir, confessarei que temia humilhá-lo. Afinal, eu já me resolvera a pôr, de passagem, algum dinheiro sobre uma daquelas tábuas, esperando que ele adivinhasse a minha intenção, quando um grande refluxo de povo, provocado por não sei que desordem, arrastou-me para longe dele.

Ao regressar, perseguido por essa visão, procurei analisar minha súbita amargura, e disse comigo: — Acabo de ver a imagem do velho homem de letras que sobreviveu à geração da qual foi o brilhante recriador; do velho poeta sem amigos, sem família, sem filhos, degradado pela miséria e ingratidão pública, em cuja barraca o mundo esquecido não quer mais entrar!

Eu viajava. A paisagem no meio da qual me achava era de uma grandeza e de uma nobreza irresistíveis. Alguma coisa se passou nesse momento em minha alma. Os meus pensamentos vagavam com uma ligeireza igual à da atmosfera. As paixões vulgares, como o ódio e o amor profano, pareciam-me, então, distantes como as nuvens que desfilavam no fundo dos abismos sob os meus pés. Minha alma parecia-me vasta e pura como a cúpula do céu que me cercava. Das coisas terrestres só me chegava ao coração a lembrança diminuída e apagada, como o ruído dos guizos de gado quase imperceptível que pastava ao longe, muito longe, na vertente de outra montanha. Sobre o pequeno lago imóvel, negro em sua imensa profundidade, passava às vezes a sombra de uma nuvem, como o reflexo do manto de um gigante aéreo que voasse pelo céu. Lembro-me de que essa sensação solene e rara, provocada por um grande movimento perfeitamente silencioso, enchia-me de um misto de alegria e de medo. Sentia-me em suma, graças à entusiasmadora beleza que me cercava, em perfeita paz comigo mesmo e com o universo. Creio até que, na minha perfeita beatitude e no meu total esquecimento de todo o mal terrestre, eu chegara ao ponto de não mais achar tão ridículos os jornais que pretendem que o homem nasceu bom. Foi quando a matéria incurável, renovando suas exigências, fez-me pensar em reparar o cansaço e aliviar o apetite causados por tão longa subida. Tirei do bolso um grande pedaço de pão, um copo de couro e um frasco de um certo elixir que os farmacêuticos da época vendiam aos excursionistas para que o misturassem com a água da neve.

Eu estava tranquilamente cortando o meu pão, quando um leve ruído me fez erguer os olhos. Diante de mim estava um pequeno ser andrajoso, desgrenhado, cujos olhos fundos, ferozes e como suplicantes, devoravam o pedaço de pão. Ouvi-o suspirar, então, com uma voz baixa e rouca, a palavra: Bolo! Não pude deixar de rir ao escutar o nome com que ele pretendia honrar o meu pão quase branco, e cortei para ele uma fatia que lhe ofereci. Ele se aproximou devagarinho, sem tirar os olhos do objeto de sua cobiça. Depois, apanhando a fatia com a mão, recuou de repente, como se receasse que a minha oferta não fosse sincera ou que eu já estivesse arrependido.

No mesmo instante, porém, foi derrubado por outro pequeno selvagem, saído não sei de onde e tão perfeitamente semelhante ao primeiro que se teria podido tomá-lo por um irmão gêmeo. Rolaram ambos no chão, disputando a valiosa presa, sem que nenhum quisesse sacrificar a metade pelo irmão. O primeiro, exasperado, puxou o segundo pelos cabelos; este pegou-lhe a orelha com os dentes e cuspiu-lhe uma migalha sangrenta com uma soberba praga regional. O legítimo proprietário do bolo tentou cravar as unhas nos olhos do usurpador; este, por sua vez, empregou toda a força para estrangular o adversário com uma das mãos, enquanto com a outra tratava de meter no bolso o prêmio do combate.

Mas, reanimado pelo desespero, o vencido endireitou-se e fez rolar o vencedor por terra, com uma cabeçada no estômago. Para quê descrever uma luta hedionda, que na verdade durou mais tempo do que pareciam permiti-lo aquelas forças infantis? O bolo viajava de mão em mão e mudava de bolso a cada instante. Mas, ai de mim! Mudava também de volume. Quando, por fim, exaustos, anelantes, ensanguentados, pararam ambos pela impossibilidade de continuar, já não havia, a dizer verdade, nenhum motivo de batalha: o pedaço de pão desaparecera, todo fragmentado em migalhas semelhantes aos grãos de areia com que se misturara.

Esse espetáculo anuviou-me a paisagem. A alegria calma em que minha alma se expandia, antes de ver aqueles pequeninos homens, desapareceu por completo. E assim fiquei por muito

tempo, triste, repetindo-me sem cessar: — Há um soberbo lugar em que o pão se chama bolo, iguaria tão rara que é o suficiente para causar uma guerra perfeitamente fratricida!

XVI

O RELÓGIO

Os chineses veem as horas nos olhos dos gatos.

Um dia, um missionário passeando nos arredores de Nanquim, notou que esquecera o relógio e perguntou a um menino que horas eram.

O garoto do Celeste Império hesitou um pouco, mas depois, decidindo-se, respondeu: — Vou dizer-lhe.

Alguns instantes depois, tornou a aparecer, segurando nos braços um enorme gato.

E, fitando-o como se costuma dizer, na alva dos olhos, afirmou sem hesitar: — Ainda não é bem meio-dia, — o que era verdade.

Quanto a mim, se me inclino sobre a linda Felina, tão bem dotada que é ao mesmo tempo a honra do sexo, o orgulho do meu coração e o perfume do meu espírito, à noite ou durante o dia, em plena luz ou na sombra opaca, vejo sempre distintamente as horas no fundo dos seus olhos adoráveis, sempre a mesma hora, uma hora vasta, solene, grande como o espaço, sem divisões de minutos nem de segundos, — hora imóvel que não está marcada nos relógios e é, no entanto, ligeira como um suspiro, rápida como um olhar.

E, se viesse um importuno perturbar-me quando o meu olhar descansa sobre esse delicioso quadrante, se um gênio intolerante e desonesto, um demônio do contratempo viesse dizer-me: — Que vês com tanto interesse? Que procuras nos olhos desse ser? Vês as horas, oh mortal pródigo e indolente? Eu responderia sem hesitar: — Sim, vejo as horas; é a Eternidade! Não é certo, amada, que é esse um madrigal verdadeiramente meritório e tão enfático como você? Realmente, tanto prazer eu tive em bordar este precioso galanteio que não lhe pedirei nada em troca.

XVII

UM HEMISFÉRIO NUMA CABELEIRA

Deixa-me respirar bastante, bastante, o aroma dos teus cabelos, mergulhar neles o meu rosto todo, como um homem sedento na água de uma fonte, e agitá-los com a mão, como um lenço perfumado, para sacudir recordações no espaço.

Se pudesses saber tudo o que vejo! Tudo o que sinto! Tudo o que entendo nos teus cabelos! Minha alma viaja no perfume como a alma dos outros homens na música.

Teus cabelos encerram todo um sonho, cheio de velas e de mastros. Encerram grandes mares cujos ventos me levam para climas encantadores, nos quais o espaço é mais azul e mais profundo, e a atmosfera perfumada pelos frutos, pelas folhas e pela pele humana.

No oceano de tua cabeleira, diviso um porto repleto de canções melancólicas, de homens vigorosos de todos os países e de navios de todas as formas desenhando arquiteturas finas e complicadas num céu imenso em que se espalha o calor eterno.

Nas carícias de tua cabeleira, torno a encontrar os langores das longas horas passadas sobre um divã, no camarote de um belo navio, embaladas pelo balouçar imperceptível do porto, entre jarras de flores e moringas refrescantes.

No fogão ardente de tua cabeleira, eu respiro o odor do fumo misturado com ópio e açúcar. Na noite de tua cabeleira, eu vejo resplandecer o infinito do azul tropical. Nas orlas aveludadas de tua cabeleira, eu me embriago com os perfumes combinados do alcatrão, do musgo e do óleo de coco.

Deixa-me morder bastante as tuas pesadas e negras tranças. Quando me ponho a morder os teus cabelos elásticos e revoltos, tenho a impressão de que estou comendo recordações.

XVIII

CONVITE PARA VIAGEM

Há um lugar soberbo, um país de Cocanha (14), dizem, que eu sonho visitar com uma velha amiga. Província singular, mergulhada nas brumas do nosso Norte, e que se poderia chamar Oriente do Ocidente, China da Europa, de tal maneira a cálida e caprichosa fantasia encontra ali plena liberdade, ilustrando-a firme e pacientemente com suas sábias e delicadas vegetações.

Verdadeiro país de Cocanha, onde tudo é belo, rico, tranquilo, honesto; onde o luxo se compraz em mirar-se na ordem; onde a vida é farta e doce de se respirar; onde a desordem, a turbulência e o imprevisto não existem; onde a felicidade se casa ao silêncio; onde a própria cozinha é poética, farta e excitante ao mesmo tempo; onde tudo se parece contigo, anjo querido.

Conheces essa doença febril que se apodera de nós nas menores coisas, essa nostalgia do lugar que se ignora, essa angústia da curiosidade? É uma região parecida contigo, na qual tudo é belo, rico, tranquilo e honesto; na qual a fantasia construiu e decorou uma China ocidental; na qual a vida é doce de se respirar; na qual a felicidade se casa ao silêncio. É lá que se deve ir viver, é lá que se deve ir morrer! Sim, é lá que é preciso ir respirar, sonhar e alongar as horas pelo infinito das sensações. Um músico escreveu o Convite para a valsa; que músico comporá um Convite para a viagem, que se possa oferecer à mulher amada, à irmã predileta? Sim, é nessa atmosfera que seria bom viver, lá longe, onde as horas mais lentas contêm mais pensamentos, onde os relógios soam a felicidade com mais profunda e significativa solenidade.

Sobre painéis luzentes, ou sobre couros dourados e de uma riqueza sombria, vivem discretamente pinturas beatas, calmas e profundas, como as almas dos artistas que as criaram. O sol poente, colorindo luxuosamente a sala de jantar ou a de visitas, é coado por belos estofos ou pelas altas janelas trabalhadas que o prumo divide em numerosos compartimentos. Os móveis são vastos, curiosos, bizarros, armados de fechaduras e segredos, como almas requintadas. Os espelhos, os metais, as almofadas, as joias e os vasos oferecem ao olhar uma sinfonia muda e misteriosa. De todas as coisas, de todos os cantos, das frestas das gavetas e das pregas das almofadas, escapa um perfume singular, uma recordação de Sumatra (15), que é como a alma do apartamento.

Verdadeiro país de Cocanha, afirmo-te, onde tudo é rico, limpo e luzidio, como uma bela consciência, como uma magnífica bateria de cozinha, como uma joalheria multicolor! Para lá afluem tesouros do mundo, como para a casa de um homem laborioso e que bem mereceu do

mundo inteiro. Província singular, superior às outras, como a Arte à Natureza, onde esta é reformada pelo sonho, corrigida, embelezada, refundida.

Procurem, procurem ainda, recuem sem cessar os limites de sua felicidade, esses alquimistas da horticultura! Proponham prêmios de sessenta e de cem mil florins (16) para quem resolver os problemas de sua ambição! Quanto a mim, já descobri minha tulipa negra e minha dália azul! Flor incomparável, tulipa recuperada, dália alegórica, não é lá, não é nessa província calma e sonhadora que se deve ir viver e prosperar? Não estarias enquadrada em tua analogia e não poderias mirar-te, para falar com os místicos, em tua própria correspondência? Sonhos! Sempre sonhos! E, quanto mais ambiciosa e delicada é a alma, mais os sonhos afastam-na do possível. Cada homem traz em si uma dose de ópio natural, incessantemente segregada e renovada. Do nascimento até à morte, quantas horas não contamos, cheias de gozo positivo, de ação resoluta e triunfante? Viveremos nós um dia, passaremos um dia nesse quadro pintado por meu espírito, nesse quadro parecido contigo? Esses tesouros, esses móveis, esse luxo, essa ordem, esses perfumes, essas flores miraculosas, tudo isso és tu. És tu ainda aqueles grandes rios e os canais tranquilos. Os enormes navios por eles carreados, abarrotados de riquezas, e de onde sobem as canções monótonas da maruja, são os meus pensamentos que dormem ou que rolam sobre o teu seio. Tu os conduzes docemente para o mar que é o Infinito, sempre refletindo as profundezas do céu na limpidez de tua bela alma. E quando, fatigados pela maré e fartos dos produtos do Oriente, tornarem a entrar no porto natal, serão ainda os meus pensamentos que do infinito regressarão a ti.

XIX

O BRINQUEDO DO POBRE

Quero dar uma ideia de um divertimento inocente. São tão poucas as diversões que não merecem uma censura! Quando saíres de manhã, com a firme intenção de vadiar pelas grandes estradas, enche os teus bolsos de pequenos inventos, como o polichinelo movido por um barbante, os ferreiros que batem na bigorna, o cavaleiro e o cavalo com rabo de assobio. Depois, pelos botequins, junto das árvores, presenteia as crianças desconhecidas e pobres que encontrares.

Elas arregalarão os olhos. A princípio, não ousarão pegar, duvidando da própria felicidade.

Mas, em seguida, segurarão vivamente o presente e fugirão como o gato que vai comer longe o que lhe deram, por ter aprendido a desconfiar dos homens.

Numa estrada, atrás da grade de um vasto jardim, no fundo do qual se destacava a brancura de um belo castelo batido pelo sol, estava um lindo e robusto menino, vestido com essa roupa de campo tão cheia de faceirice.

O luxo, a despreocupação e o espetáculo habitual da riqueza tornam essas crianças tão bonitas que parecem feitas de outra massa que não as crianças comuns ou da pobreza.

Ao lado dele, jogado na relva, via-se um boneco esplêndido, novo como o dono, envernizado, dourado, com um vestido de púrpura, coberto de plumas e miçangas. O menino, porém, não dava atenção ao seu brinquedo predileto, e eis o que olhava: Do outro lado da grade, na estrada, por entre os espinhos e as urtigas, estava outro menino, sujo, miserável, manchado de fuligem. Era um desses moleques em quem uma vista imparcial descobriria a beleza, se, assim como a vista de um entendido adivinha uma pintura ideal sob o verniz de um carro, fosse ele lavado da pátina repugnante da miséria.

Através aquela grade simbólica separando dois mundos, a grande estrada e o castelo, o menino pobre mostrava ao menino rico o seu brinquedo, que este último examinava avidamente, como um objeto raro e desconhecido. E o brinquedo que o sujo garoto atormentava, agitava e sacudia numa caixa engradada, era um rato vivo! Os pais, decerto por economia, tinham tirado o brinquedo da própria vida! E os dois meninos riam-se um para o outro, fraternalmente, com dentes de igual brancura.

AS PRENDAS E AS FADAS

Realizava-se a grande assembleia das Fadas, para proceder à distribuição das prendas entre todos os recém nascidos que há vinte e quatro horas tinham sido dados à luz.

Todas essas antigas e caprichosas Irmãs do Destino, todas essas Mães bizarras da alegria e da dor, eram muito diferentes: umas tinham o ar sombrio e aflito, outras um ar satisfeito e maligno; umas eram jovens, que sempre foram jovens; outras eram velhas, que sempre foram velhas.

Todos os pais que acreditam nas Fadas tinham vindo, cada qual trazendo um recém-nascido nos braços.

As Prendas, as Faculdades, as Venturas, as Circunstâncias invencíveis, acumulavam-se ao lado do tribunal, como prêmios no estrado, numa distribuição de prêmios. Mas, o que havia de particular era que as Prendas não eram a recompensa de um esforço, mas, ao contrário, uma graça concedida aos que ainda não tinham vivido, graça que podia determinar-lhe o destino e tornar-se tanto a fonte de sua desgraça como da sua felicidade.

As pobres fadas estavam atarefadíssimas, pois o número dos candidatos era grande, e o mundo intermediário, colocado entre o homem e Deus, está submetido como nós à terrível lei do Tempo e de sua infinita posteridade, os Dias, as Horas, os Minutos, os Segundos.

Estavam, na verdade, preocupadas como ministros em dia de audiência, ou empregados do Montepio quando uma festa nacional autoriza as retiradas gratuitas. Creio mesmo que observavam de vez em quando o ponteiro do relógio, com tanta impaciência como os juízes humanos que, sentados desde manhã, não podem deixar de pensar no jantar, na família e nos queridos chinelos. Se, na justiça sobrenatural, há um pouco de precipitação e acaso, não nos admiremos que às vezes aconteça o mesmo na justiça humana. Seríamos também nós, nesse caso, juízes injustos.

Também foram cometidas naquele dia algumas faltas que se poderiam considerar extravagantes, se a prudência, e não o capricho, fosse o característico distintivo e eterno das Fadas.

Assim, a faculdade de atrair magneticamente a fortuna foi atribuída ao herdeiro único de uma família riquíssima, o qual, não sendo dotado de nenhum sentimento de caridade, nem tão pouco de nenhuma cobiça pelos bens mais visíveis da vida, devia achar-se mais tarde prodigiosamente embaraçado com seus milhões.

Assim, o amor ao Belo e a Inspiração poética foram dados ao filho de um sombrio indigente, canteiro de profissão, que não podia, de modo algum, ajudar as faculdades, nem aliviar as necessidades de sua deplorável progeneritura.

Esqueci-me de dizer que a distribuição, nesses casos solenes, não tem apelação e que nenhuma prenda pode ser recusada.

Todas as Fadas se levantaram, julgando terminada a tarefa. Não restava nenhum dom, nenhum presente que lançar a todo aquele cardume humano, quando um bom homem, um pobre pequeno comerciante, creio eu, levantou-se e, segurando pela túnica de vapores multicores a Fada que estava mais ao seu alcance, exclamou: — Eh, senhora! Não se esqueça! Há ainda o meu filho! Não vim aqui à toa! A Fada poderia embaraçar-se, pois já não restava nada. No entanto, lembrou-se a tempo de uma lei que, embora raramente aplicada, é muito conhecida no mundo sobrenatural, onde moram essas deidades impalpáveis, amigas do homem e muitas vezes constringidas a adaptar-se às paixões humanas: Fadas, Gnomos, Salamandras, Sílfides,

Silfos, Nixos, Ondinos e Ondinas. Refiro-me à lei que concede às Fadas, em casos semelhantes, isto é, no caso de se esgotarem as prendas, a faculdade de dar ainda uma, suplementar e excepcional, mas desde que possua imaginação bastante para criá-la imediatamente.

A boa Fada respondeu, então, com uma delicadeza digna de sua linhagem: — Dou ao teu filho... dou-lhe... o dom de agradar!

— Mas agradar como? Agradar? Agradar por quê? — perguntou obstinadamente o pequeno negociante, que era sem dúvida um raciocinador vulgar, incapaz de elevar-se até à lógica do Absurdo.

— Por quê! Por quê! — replicou a Fada indignada, voltando-lhe as costas.

Depois, reunindo-se de novo ao cortejo de suas companheiras, dizia-lhes: — Que acham vocês desse pequeno francês vaidoso, que tudo quer compreender e que, tendo obtido para o filho a prenda melhor, ainda ousa interrogar e discutir o indiscutível?

XXI

AS TENTAÇÕES OU EROS, PLUTO E A GLÓRIA

Dois soberbos Satãs e uma Diaba, não menos extraordinária, subiram, a noite passada, uma escada misteriosa, por onde o Inferno dá acesso à fraqueza do homem que dorme, comunicando-se secretamente com ele. Vieram pôr-se gloriosamente diante de mim, de pé, como num estrado. Um esplendor sulfuroso emanava das três personagens, que se destacavam do fundo opaco da noite. Tinham um ar tão altivo e cheio de domínio que os tomei a princípio por verdadeiros Deuses.

A fisionomia do primeiro Satã era de um sexo ambíguo e havia, nas linhas do seu corpo, a moleza dos antigos Bacos (19). Seus belos olhos lânguidos, a cor tenebrosa e indecisa, pareciam violetas ainda carregadas dos pesados prantos da borrasca, e os lábios entreabertos caçoletas candentes exalando um aroma de perfumaria. E, toda vez que suspirava, insetos musgados iluminavam-se, voando aos ardores do seu hálito.

Ao redor de sua túnica de púrpura enrolava-se, como um cingulo, uma fúlgura serpente que, de cabeça erguida, volvia para ele os lânguidos olhos de brasa. Nesse cingulo vivo suspendiam-se, alternando-se com frascos cheios de sinistros licores, facas brilhantes e instrumentos cirúrgicos. Tinha na mão direita outro frasco, cujo conteúdo era de um vermelho luminoso, e que trazia no rótulo estas palavras estranhas: BEBA, É O MEU SANGUE, PERFEITO CORDIAL. Com a mão esquerda, segurava um violão que lhe servia, certamente, para cantar os seus prazeres e desgostos, ou espalhar o contágio de sua loucura nas noites de sabá (20).

Nas delicadas cravelhas, penduravam-se anéis de uma corrente de ouro partida, e, quando a tristeza que tal fato lhe causara o forçava a baixar os olhos, contemplava vaidosamente as unhas dos próprios pés, brilhantes e polidas como pedras bem trabalhadas.

Olhou-me com os olhos inconsolavelmente aflitos, de onde deslizava uma insidiosa embriaguez, e me disse com voz modulada: — Se quiseres, far-te-ei senhor das almas, dono da matéria viva, mais ainda do que o escultor pode ser da argila. Conhecerás o prazer, sempre novo, de saíres de ti mesmo para te esqueceres em outrem e de atrair as outras almas até confundi-las com a tua.

E eu lhe respondi: — Muito obrigado! Nada posso fazer desse punhado de seres que, sem dúvida, não valem mais do que o meu pobre eu. Embora tenha vergonha de me lembrar, não quero esquecer. Mesmo que eu não te conhecesse, velho monstro, a tua misteriosa cutelaria, os teus frascos equívocos, as correntes que te prendem os pés, são símbolos que explicam com clareza os inconvenientes da tua amizade. Guarda os teus presentes.

O segundo Satã não tinha nem esse ar ao mesmo tempo trágico e sorridente, nem essas belas maneiras insinuantes, nem essa beleza esbelta e perfumada. Era um homem vasto, enorme rosto sem olhos, ventre imenso caindo sobre as coxas, a pele dourada e ilustrada, como numa tatuagem, com uma porção de pequenas figuras movediças representando as numerosas formas da miséria universal.

Havia ainda uns homenzinhos descarnados, suspendendo-se voluntariamente num prego. Pequenos gnomos disformes, magros, cujos olhos suplicantes reclamavam melhor a esmola do que as mãos trementes. Velhas mães carregando abortos seguros nas maminhas extenuadas. E muitos outros.

O grande Satã batia com o punho na barriga enorme, produzindo um longo e estridente tilintar metálico, que terminava num vago gemido feito de numerosas vozes humanas. E, mostrando imprudentemente os dentes podres, dava uma gargalhada imbecil, como certos homens de todos os países depois de um bom jantar.

Foi esse que me disse: — Posso dar-te o que produz tudo, o que vale tudo, o que tudo substitui! — E bateu no ventre monstruoso, cujo eco sonoro foi o comentário dessa frase grosseira.

Volte-me de má vontade e respondi-lhe: — Não preciso, para o meu bem-estar, da miséria de ninguém. Não desejo uma riqueza atormentada, como um papel de parede, por todas as desgraças representadas em tua pele.

Quanto à Diaba, eu mentiria se não confessasse que descobri nela, à primeira vista, uma sedução estranha. Para definir esse encanto, eu só poderia compará-lo ao dessas lindas mulheres maduras, que não envelhecem e conservam a magia penetrante das ruínas. Tinha um ar ao mesmo tempo imperioso e desajeitado, e os olhos, embora endurecidos, encerravam uma força fascinadora. E o que mais me impressionou foi o mistério de sua voz, que me evocou os contraltos mais deliciosos e também a rouquidão das gargantas incessantemente lavadas pela aguardente.

— Queres conhecer o meu poder? — disse a falsa deusa com sua voz encantadora e paradoxal — Escuta.

Levou à boca uma gigantesca trombeta enfeitada de fitas, como uma flauta, nas quais e liam os títulos de todos os jornais do universo. Através essa trombeta, gritou o meu nome, que reboou o espaço com o ruído de cem mil trovões e voltou a mim repercutido pelo eco do mais longínquo planeta.

— Diabo! — exclamei, meio vencido, — é fantástico! Mas, examinando com mais atenção a sedutora virago, pareceu-me vagamente que a reconhecia, por a ter visto bebendo com uns folgazões meus conhecidos. E o som rouquenho do cobre trouxe-me aos ouvidos não sei que de recordações de uma trombeta prostituída.

Respondi-lhe, por fim, com desprezo: — Vai-te! Não fui feito para desposar a amante de certos tipos que não quero citar.

Eu teria, decerto, o direito de vangloriar-me por tão corajosa abnegação. Mas, infelizmente, despertei e toda a minha força abandonou-me.

— Na verdade, — disse comigo — era mesmo preciso que eu estivesse dormindo para

mostrar tais escrúpulos. Se eles pudessem voltar quando despertei, eu não seria tão delicado! Invoquei-os em voz alta, suplicando-lhes que me perdoassem, oferecendo-lhes a minha humilhação tantas vezes quantas fossem necessárias para merecer os seus favores.

Mas, a ofensa fora muito grave, pois nunca mais voltaram.

XXVII

CREPÚSCULO VESPERTINO

Anoitece. Uma grande calma se faz nos pobres espíritos fatigados pelo labor do dia.

Os pensamentos tomam as cores ternas e indecisas do crepúsculo.

Do alto da montanha, através as nuvens transparentes da tarde, chega à minha sacada um uivo medonho, composto de uma porção de gritos discordantes, que o espaço transforma em lúgubre harmonia, como a da maré que sobe ou da tempestade que desaba.

Quais são os infortunados que a tarde não acalma e que, como os mochos, tomam o anoitecer por um sinal de sabá? O sinistro ulular nos vem de um negro hospício encravado na montanha. À noite, fumando e contemplando o imenso vale em repouso, erizado de casa cujas janelas dizem: “Aqui reside a paz, aqui a alegria da família!”, eu posso, quando o vento sopra de lá de cima, embalar meu pensamento assombrado nessa imitação das harmonias do inferno.

O crepúsculo excita os loucos. Lembro-me de que tive dois amigos que o crepúsculo tornava logo doentes. Um deles desconhecia todas as relações de amizade e de polidez, e maltratava, como um selvagem, o primeiro que aparecesse. Eu o vi atirar à cabeça de um criado um frango excelente, no qual julgara ver não sei que insultante hieróglifo. A noite, precursora das volúpias profundas, estragava-lhe as coisas mais suculentas.

O outro, aflito ambicioso, tornava-se, á medida que a noite caía, mais ríspido, mais sombrio, mais tacanho. Indulgente e sociável durante o dia, à noite era impiedoso. E não era somente sobre os outros, mas também sobre ele próprio, que se exercia furiosamente essa mania crepuscular.

O primeiro morreu louco, incapaz de reconhecer a própria mulher e o filho. O segundo carrega a inquietação de um perpétuo mal-estar e, se fosse agraciado com todas as honras que as repúblicas e os príncipes conferem, ainda assim eu creio que o crepúsculo acenderia nele uma ardente ambição de distinções imaginárias. A noite, que lhe punha trevas no espírito, traz luz ao meu. E, se bem que não raro se veja a mesma causa engendrar dois efeitos contrários, eu me sinto sempre, à noite, intrigado e alarmado.

Oh noite! Oh trevas refrescantes! Sois para mim o sinal de uma festa interior, sois o parto de uma angústia! Na solidão das planícies, nos labirintos de pedra de uma capital, fulguração das estrelas, explosão das lanternas, sois o fogo de artifício da deusa liberdade! Crepúsculo, como sois doce e terno! Os róseos reflexos que ainda se veem no horizonte, com a agonia do dia sob a opressão vitoriosa de sua noite, os fogos dos candelabros produzindo manchas de um vermelho opaco sobre as últimas glórias do ocaso, as pesadas cobertas atiradas por mão invisível das profundezas do Oriente, imitam todos os sentimentos complicados que lutam no coração do homem nas horas solenes da vida.

Dir-se-ia ainda uma dessas estranhas túnicas de dançarina, cuja gaze transparente e sombria deixa entrever os esplendores amortecidos de um fulgurante vestido, como do negro presente transparece o delicioso passado. E as estrelas vacilantes de ouro e de prata, que a

semeiam, representam os fogos da fantasia, que só ficam bem acesos sob o luto profundo da Noite.

XXIII

A SOLIDÃO

Disse-me um jornalista filantropo que a solidão é prejudicial ao homem. E, em apoio de sua tese, citou-me, como todos os incrédulos, palavras dos Pais da Igreja.

Eu sei que o Demônio gosta de frequentar os lugares áridos e que o Espírito do crime e da lubricidade inflama-se maravilhosamente na solidão. Mas, é possível que essa solidão só seja perigosa para as almas indolentes e extravagantes que a povoam com suas paixões e quimeras.

É certo que um tagarela, cujo supremo prazer consiste em falar do alto de uma cátedra ou de uma tribuna, estaria bastante arriscado a ficar louco furioso na ilha de Robinson (21). Não exijo do meu jornalista as corajosas virtudes de Crusoé, mas peço-lhe que não condene os amantes da solidão e do mistério.

Há, em nossas raças palradoras, indivíduos que aceitariam com menos repugnância o suplício supremo, se lhes fosse permitido fazer do alto do cadafalso uma arenga interminável, sem recear que os tambores de Santerre (22) lhes cortasse intempestivamente a palavra.

Não os lastimo, porque percebo que suas efusões oratórias lhes proporcionam volúpias iguais àquelas que outros tiram do silêncio e do recolhimento. Mas os desprezo.

Desejo, sobretudo, que o meu maldito jornalista me deixe divertir-me à vontade.

— Então, — perguntou-me num tom fanhoso e muito apostólico, — jamais experimenta você a necessidade de partilhar suas alegrias? Sutil invejoso! Como sabe que desprezo as dele, vem insinuar-se nas minhas! Hediondo desmancha-prazeres! “A grande felicidade de não poder estar só!” — diz algures La Bruyère (23), como para envergonhar todos aqueles que procuram esquecer-se na multidão, decerto com receio de não poderem suportar a si mesmos.

Quase todas as nossas desgraças provêm de não termos sabido ficar em nosso quarto”, — diz outro sábio, Pascal (24), parece, evocando assim, na cela do recolhimento, todos os alucinados que buscam a felicidade no movimento e numa prostituição a que eu poderia chamar de fraternária, se quisesse falar a bela língua do meu século.

XXIV

PROJETOS

Dizia ele, consigo, passeando num grande parque solitário: — Como ficaria bonita, com um traje de corte, complicado e faustoso, descendo, através a atmosfera de uma bela noite, os degraus de mármore de um palácio, diante dos gramados e das fontes! Tem a naturalidade de uma princesa! Passando mais tarde numa rua, parou defronte a uma loja de gravuras e, descobrindo num cartão uma estampa representando uma paisagem tropical, tornou a dizer consigo: — Não! Não é num palácio que eu desejaria possuir minha amada. Não estaríamos em nossa casa. Além disso, as paredes cravejadas de ouro não deixariam lugar para pendurar o retrato dela. Nas solenes galerias, não há um canto para a intimidade. Lá, decididamente, é

que eu deveria ficar para cultivar o sonho de minha vida.

E, sempre analisando com os olhos os detalhes da gravura, continuava mentalmente: — À beira-mar, uma bonita residência de madeira, cercada de todas essas árvores bizarras e luzentes cujos nomes esqueci... Na atmosfera, um perfume inebriante, indefinível. Dentro de casa, um aroma de rosa e musgo... Mais adiante, atrás de nossa pequena propriedade, extremidades de mastros balanceados pela maré... Ao redor, para além de nosso quarto iluminado por uma luz cor-de-rosa coada pelas cortinas, todo enfeitado de frescos cipós e de flores capitosas, com luxuosos banquinhos de rococó português, feitos de madeira pesada e escura, para ela sentar-se, calma e vaporosa, fumando um tabaco ligeiramente opiado, — para além da varanda, o gorjeio dos pássaros ébrios de luz e a algaravia das negrinhas... E, à noite, para servir de acompanhamento aos meus sonhos, o canto dolente dos instrumentos de música, das flautas melancólicas! Sim, na verdade, está lá o ornamento que procuro. Que posso fazer num palácio? E mais adiante, seguindo uma grande avenida, viu um simpático albergue, em cuja janela adornada de cortinas de chitas mosqueada estavam duas cabeças risonhas. Então, disse consigo: — É preciso que minha imaginação seja uma grande vagabunda para ir buscar tão longe o que está tão perto de mim. O prazer e a felicidade se encontram no primeiro albergue que aparece, no albergue do acaso, tão fecundo em volúpias. Um bom fogo, vasos vistosos, uma refeição passável, um vinho grosseiro e uma cama bem larga com lençóis um pouco ásperos, mas frescos... Que pode haver de melhor? Ao entrar em casa, à hora em que os conselhos da Sabedoria já não são abafados pelo burburinho da vida exterior, disse consigo: — Tive hoje, em sonho, três domicílios onde encontrei um prazer igual. Porque forçar meu corpo a mudar de lugar, se minha alma viaja tão depressa? E para que realizar projetos, se o projeto é em si mesmo um prazer suficiente?

O sol castiga a cidade com sua luz direta e terrível. A areia rebrilha e o mar esplende. O mundo entorpecido sucumbe molemente e faz a sesta, como numa espécie de morte saborosa em que o adormecido, semidesperto, prova as volúpias do próprio aniquilamento.

Forte a altiva como o sol, Doroteia caminha na rua deserta. Somente ela vive nessa hora, sob o azul imenso, formando na luz uma fulgura mancha negra.

Caminha, gingando preguiçosamente o torso miúdo nas ancas largas. O vestido de seda, de tom claro e róseo, colado ao corpo, destaca-se vivo nas trevas de sua pele, moldando-lhe o talhe esguio, o busto esbelto e o delgado pescoço.

A sombrinha vermelha, coando a luz, projeta-lhe no rosto sombrio o tom sangrento dos seus reflexos.

O peso da vasta cabeleira quase azul fá-la inclinar para trás a cabeça delicada e lhe dá um ar de triunfo e indolência. Nas minúsculas orelhas, os pesados brincos murmuram secretamente.

A brisa do mar levanta-lhe, por vezes, a barra do vaporoso vestido, mostrando uma perna luzidia e soberba. A forma do pé, semelhante aos pés das deusas de mármore que a Europa encerra nos museus, imprime-se fielmente na areia fina. Doroteia é tão prodigiosamente faceira que o prazer de ser admirada supera-lhe o orgulho de liberta: embora livre, marcha sem sapatos.

Caminha assim, harmoniosamente, contente de viver e sorrindo com seu branco sorriso, como se, ao longe, no espaço, distinguisse um espelho refletindo-lhe o andar e a beleza.

À hora em que até os cães gemem de dor sob o sol que os morde, que poderoso motivo faz que assim vá a preguiçosa Doroteia, bela e fria como o bronze? Porque deixou a pequena casa tão garridamente arranjada, onde as flores e as trepadeiras formam por tão pequeno custo um perfeito gineceu, e onde se esmera tanto em pentear-se, em fumar, em abanar-se ou em mirar-se no espelho com grandes leques de plumas, enquanto o mar, roçando a praia cem passos adiante, faz-lhe aos sonhos indecisos um poderoso e monótono acompanhamento, e enquanto a marmita de ferro, cozendo um guisado de caranguejos com arroz e açafão, lhe envia, do fundo do quintal, os excitantes perfumes? Talvez tenha marcado encontro com um jovem oficial que, nas praias longínquas, ouviu os camaradas falarem da célebre Doroteia. Infalivelmente lhe pedirá, a ingênua criatura, que lhe descreva o baile da Ópera (26) e lhe perguntará se se pode ir lá de pés descalços, como nas danças de domingo, em que até as velhas de Cafraria (27) se tornam ébrias e furiosas de prazer. E perguntará ainda se as mulheres de Paris são todas mais bonitas do que ela.

Admirada e estimada por todos, Doroteia seria perfeitamente feliz, se não fosse obrigada e juntar piastra (28) por piastra para resgatar a irmãzinha que, tendo apenas onze anos, já é madura e tão bela! Consegui-lo-á, sem dúvida, a boa Doroteia: o senhor da menina é muito avarento, avarento demais para compreender outra beleza que não a dos escudos!

Ah! Quer saber porque hoje a detesto? Você terá, sem dúvida, menos facilidade em compreendê-lo do que eu em explicá-lo. Considero-a o mais belo exemplo de impermeabilidade feminina que se possa encontrar.

Passamos juntos um longo dia, que me parecera curto. Tínhamos prometido que todos os nossos pensamentos seriam comuns e que as nossas almas seriam uma só. Ora, esse sonho nada tem de original, a não ser o fato de que, sonhado por todos os homens, não foi realizado por nenhum.

À tarde, sentindo-se um pouco fatigada, você quis sentar-se defronte a um café novo, na esquina de uma nova avenida, ainda cheia de asfalto e já mostrando gloriosamente esplendores inacabados. O café estava cintilante. O gás tinha todo o ardor de um começo, iluminando com toda a intensidade as paredes resplandentes de brancura, as cascatas deslumbrantes dos espelhos, o ouro das molduras e das cornijas, os criados de bochechas redondas puxados por cães presos à corrente, as damas sorrindo ao falcão trepado no punho, as ninfas e as deusas carregando frutas, pastéis e caça na cabeça, as Hebes (29) e os Ganimedes (30) ostentando com o braço estendido a pequena ânfora de néctar, ou o obelisco bicolor dos sorvetes aromáticos: toda a história e toda a mitologia postas a serviço da gulodice.

De pé diante de nós, na calçada, um homem de uns quarenta anos, rosto abatido, barba grisalha, dava a mão a um menino e no outro braço segurava um ser pequenino fraco demais para andar. Fazia as vezes de ama, para os filhos respirarem o ar da tarde. Todos em andrajos. As três fisionomias estavam extraordinariamente sérias e os seis olhos contemplavam fixamente o novo café com igual admiração, apenas diversificada pela idade.

Diziam os olhos do pai: — Como é bonito! Dir-se-ia que todo o ouro do pobre mundo foi trazido para essas paredes.

Os olhos do menino diziam: — Como é bonito! Mas, é uma casa onde só pode entrar gente que não é como nós.

Quanto aos olhos do pequenino, estavam fascinados demais para exprimir outra coisa além de uma alegria estúpida e profunda.

Dizem os cancioneiros que o prazer torna a alma bondosa e enternece o coração.

Tinham razão, essa tarde. Eu não só estava enternecido com essa família de olhos, mas me sentia um tanto envergonhado dos nossos copos e garrafas, maiores do que a nossa sede.

Fitei então os meus nos seus, meu amor, para ler o meu pensamento. E estava mergulhado nos seus olhos, tão belos e tão singularmente doces, nos seus olhos verdes, quando você me disse: — Não suporto essa gente de olhos escancarados como porteiras! Porque você não pede ao dono do café que os afaste daqui? Como é difícil um entendimento, anjo querido! E como o pensamento é incomunicável, mesmo entre pessoas que se amam!

XXVII

MORTE HEROICA

Fancioulle era um cômico admirável e quase um dos amigos do Príncipe. Mas, para as pessoas que se dedicam por necessidade à comédia, as coisas sérias têm atrações fatais.

Embora possa parecer estranho que as ideias de pátria e de liberdade se apoderem despoticamente do cérebro de um histrião, Fancioulle participou, um dia, de uma conspiração

tramada por certos fidalgos descontentes.

Em toda parte existem homens de bem para denunciar ao poder os indivíduos de temperamento atrabiliário que queiram depor os príncipes e operar, sem consultá-la, a transformação da sociedade. Os referidos senhores foram presos juntamente com Fancioulle e condenados à morte.

Tenho a impressão de que o Príncipe experimentou algum desgosto ao descobrir seu comediante favorito entre os rebeldes. O Príncipe não era melhor nem pior do que os outros príncipes, mas uma excessiva sensibilidade tornava-o, muitas vezes, mais cruel e mais despótico do que todos os seus semelhantes. Amante apaixonado e excelente conhecedor das belas-artes, era verdadeiramente insaciável de volúpias. Bastante indiferente relativamente aos homens e à moral, verdadeiro artista, não conhecia inimigo mais perigoso do que o Tédio, e os esforços extraordinários que fazia para evitar ou vencer esse tirano do mundo lhe teriam certamente atraído, da parte de um historiador severo, o epíteto de “monstro”, caso permitisse que, nos seus domínios, se escrevesse qualquer coisa que não visasse unicamente ao prazer ou à admiração, que é uma das formas mais delicadas do prazer. A grande infelicidade do Príncipe foi que jamais encontrou teatro bastante vasto para o seu gênio. Há jovens Neros (31) que sufocam em limites demasiado estreitos, e os séculos vindouros ignorarão sempre o seu nome e boa-vontade. A imprevidente Providência dera àquele faculdades maiores do que os seus Estados.

Inesperadamente, correu a notícia de que o soberano desejava conceder graça a todos os conjurados. A origem do boato foi o anúncio de um grande espetáculo em que Fancioulle devia desempenhar um dos seus principais e melhores papéis. Dizia-se que ao espetáculo assistiriam os fidalgos condenados, o que era sinal evidente, acrescentavam os espíritos superficiais, das tendências generosas do Príncipe ofendido.

Da parte de um homem tão natural e voluntariamente excêntrico, tudo era possível, inclusive a virtude e a clemência, sobretudo se pudesse esperar e descobrir nisso prazeres desconhecidos. Mas, para os que, como eu, tinham podido penetrar mais além nas profundezas daquela alma curiosa e doente, era infinitamente mais provável que o Príncipe quisesse julgar do valor dos talentos cênicos de um homem condenado à morte. Pretenderia ele aproveitar a ocasião para fazer uma experiência fisiológica de capital interesse e verificar até que ponto as faculdades habituais de um artista podiam ser alteradas ou modificadas pela situação extraordinária em que se encontrasse? Existiria em sua alma alguma intenção mais ou menos determinada de clemência? É um ponto que nunca pôde ser esclarecido.

Por fim, chegado o grande dia, a pequena corte se apresentou com toda a pompa, sendo difícil conceber, sem ter visto, tudo o que a classe privilegiada de um pequeno Estado, de recursos restritos, pode mostrar de esplendores para uma verdadeira solenidade.

E aquela era duplamente verdadeira, primeiro pela magia do luxo ostentado, e depois pelo interesse moral e misterioso que lhe estava ligado.

O senhor Fancioulle primava sobretudo nos papéis mudos ou pouco carregados de palavras, que são quase sempre os principais nesses dramas feéricos cujo objeto é representar simbolicamente o mistério da vida. Entrou em cena rapidamente e com perfeito desembaraço, o que contribuiu para fortificar, no nobre público, a ideia de doçura e de perdão.

Quando se diz que um comediante “é um bom comediante”, a gente se serve de uma fórmula que significa que, sob a personagem, se deixa ainda adivinhar o comediante, isto é, a arte, o esforço, a vontade. Ora, se um comediante chegasse a ser, relativamente à personagem que está encarregado de exprimir, o que as melhores estátuas da antiguidade, miraculosamente animadas, vivas, insinuantes, vistosas, seriam relativamente à ideia geral e confusa de beleza,

tratar-se ia, sem dúvida, de um caso singular e de todo imprevisto.

Fancioulle foi, naquela noite, uma idealização perfeita, que não se podia deixar de supor viva, possível, real. O cômico ia, vinha, ria, chorava, convulsionava-se, com uma indestrutível auréola em torno da cabeça, auréola invisível para todos, mas visível para mim, e na qual se misturavam, num amálgama estranho, os raios da Arte e a glória do Martírio. Fancioulle, não sei com que graça peculiar, introduzia o divino e o sobrenatural até nas mais extravagantes palhaçadas. Treme-me a pena e lágrimas de uma emoção sempre presente sobem-me aos olhos ao procurar descrever aquela noite inolvidável. Fancioulle provava-me, de maneira peremptória, irrefutável, que a embriaguez da Arte é mais adequada do que qualquer outra para velar os terrores do abismo; que o gênio pode representar a comédia à beira do túmulo com uma alegria que o impede de ver o túmulo, perdido como está num paraíso que exclui toda ideia de túmulo e destruição.

Todo aquele público, embotado e frívolo como podia ser, sofreu logo o domínio todo-poderoso do artista. Ninguém mais pensava em morte, em luto, em suplícios. Todos se abandonavam, sem inquietação, às volúpias multiplicadas pela visão de uma obra-prima de arte viva. As explosões de alegria e de admiração abalaram por várias vezes a abóbada do edifício, com a energia de uma tempestade contínua. Até o Príncipe, inebriado, juntou seus aplausos aos da corte.

No entanto, para um observador perspicaz, sua embriaguez não existia sem mistura.

Sentir-se ia vencido no seu poder despótico? humilhado em sua arte de terrorificar os corações e entorpecer os espíritos? frustrado em suas esperanças e escarnecido em suas previsões? Tais hipóteses, que não se justificam exatamente, mas que não são em absoluto injustificáveis, atravessaram-me o espírito ao contemplar o rosto do Príncipe, no qual uma palidez nova ia aumentando sem cessar a palidez habitual, como neve juntando-se à neve.

Seus lábios apertavam-se cada vez mais e os olhos acendiam-se com um fogo interior semelhante ao da inveja e do ressentimento, mesmo quando aplaudia de modo ostensivo os talentos do velho amigo, o estranho bufão que zombava da morte. A um certo momento, eu vi Sua Alteza voltar-se para um pequeno pajem, que se achava atrás dele, e falar-lhe ao ouvido. A fisionomia maliciosa do belo menino iluminou-se com um sorriso, e assim abandonou ele, apressado, o camarote do Príncipe, como para desincumbir-se de urgente missão.

Alguns minutos mais tarde, um assobio agudo, prolongado, interrompeu Fancioulle num dos seus melhores momentos, ferindo a um tempo os ouvidos e os corações. E do lugar da sala de onde partira a inesperada vaia, um menino precipitou-se num corredor sufocando o riso.

Fancioulle, sacudido, despertado em seu sonho, fechou primeiro os olhos, depois tornou a abri-los quase em seguida, desmesuradamente arregalados, abriu a boca como para respirar convulsivamente, cambaleou, um pouco para a frente, um pouco para trás, e caiu morto no palco.

O assobio, rápido como um gládio, teria realmente frustrado o carrasco? Teria o Príncipe adivinhado toda a homicida eficiência da cilada? É lícito duvidar. Teria ele lastimado o seu querido e inimitável Fancioulle? É agradável e legítimo acreditar-lo.

Os fidalgos culpados gozaram pela última vez do espetáculo da comédia. Na mesma noite, foram riscados da vida.

Desde então, vários cômicos, justamente apreciados em diversos países, têm ido representar diante da corte de... Nenhum deles, porém, pôde evocar os maravilhosos talentos de Fancioulle, nem elevar-se ao mesmo favor.

XXVIII

A MOEDA FALSA

Ao nos afastarmos da tabacaria, meu amigo fez uma separação cuidadosa de suas moedas. No bolso esquerdo do colete, pôs pequenas peças de ouro; no direito, peças de prata; no bolso esquerdo da calça, um punhado de grandes soldos; e finalmente, no direito, uma peça de prata de dois francos, depois de examiná-la atentamente.

— Singular e minuciosa repartição! — disse eu comigo.

Encontramos um pobre que nos estendeu o boné com a mão trêmula. Não conheço nada mais inquietador do que a muda eloquência desses olhos súplices, que encerram a um tempo, para o homem sensível que sabe lê-los, tanto humildade como censuras. Há alguma coisa que se aproxima dessa profundidade de sentimento complicado nos olhos lacrimosos dos cães quando apanham.

A oferenda do meu amigo foi muito mais considerável do que a minha. Por isso, disse-lhe eu: — Você tem razão: depois do prazer da comoção, não há outro maior do que o de causar uma surpresa.

— Mas, foi a moeda falsa, — respondeu ele, tranquilamente, como para justificar-se de sua prodigalidade.

Então, no meu miserável cérebro, sempre preocupado em achar meio-dia às catorze horas (de que estafante faculdade a natureza me fez presente!), entrou subitamente a ideia de que semelhante conduta, da parte do meu amigo, só era desculpável pelo desejo de criar um acontecimento na vida daquele pobre diabo, ou talvez pelo desejo de conhecer as diversas consequências, funestas e outras, que uma moeda falsa pode suscitar na mão de um mendigo. Não poderia ela multiplicar-se em peças verdadeiras? não poderia também conduzi-lo à prisão? Um taberneiro, um padeiro, por exemplo, talvez mandasse prendê-lo como falsário ou como passador de dinheiro falsificado. Talvez, também, a peça falsa pudesse tornar-se, para um pobre pequeno especulador, o gérmen de uma riqueza de alguns dias. E assim minha fantasia seguia seu curso, emprestando asas ao espírito do meu amigo e tirando todas as deduções possíveis de todas as hipóteses possíveis.

Nisso, ele interrompeu bruscamente o meu sonho, retomando minhas próprias palavras: — Sim, você tem razão: não há prazer mais doce do que surpreender um homem dando-lhe mais do que ele espera.

Olhei-o fixamente e fiquei admirado de ver que os seus olhos brilhavam com incontestável candura. Vi então, claramente, que ele quisera fazer ao mesmo tempo a caridade e um bom negócio; ganhar quarenta soldos e o coração de Deus; conquistar o paraíso economicamente; enfim, conseguir gratuitamente o título de homem caridoso. Eu quase lhe perdoaria o desejo do criminoso prazer de que doravante o supunha capaz; acharia curioso, singular, que se divertisse em comprometer os pobres; nunca lhe perdoarei, porém, a inépcia do cálculo. Não há desculpa para o perverso, mas tem um certo mérito o que sabe o que é; e o mais irreparável dos vícios é praticar o mal por estupidez.

XXIX

JOGADOR GENEROSO

Ontem, no meio da multidão da avenida, senti-me tocar por um Ser misterioso que eu sempre desejara conhecer e que logo reconheci, embora nunca o tivesse visto. Ele tinha, sem dúvida, relativamente a mim, um desejo análogo, porque, ao passar, piscou-me o olho num sinal significativo, ao qual me apressei a obedecer. Segui-o atentamente e em breve desci, atrás dela, a uma habitação subterrânea, deslumbrante, onde esplendia um luxo de que nenhuma das residências superiores de Paris poderia fornecer um exemplo aproximado.

Pareceu-me singular que eu tivesse podido passar tantas vezes ao lado daquele prestigioso covil sem descobrir-lhe a entrada. Reinava ali uma atmosfera esquisita, capitolosa, que fazia esquecer quase instantaneamente todos os fastidiosos horrores da vida. Respirava-se uma beatitude sombria, análoga à que deveriam experimentar os comedores de lótus (32) quando, desembarcando numa ilha encantada, iluminada pelos clarões de uma tarde eterna, experimentavam intimamente, aos sons embaladores das melodiosas cascatas, o desejo de jamais rever os seus penates, as suas mulheres, os seus filhos, e de jamais remontar sobre as altas vagas do mar.

Havia ali rostos estranhos de homens e mulheres, marcados por uma beleza fatal, que eu tinha a impressão de já ter visto em épocas e em países dos quais não podia lembrar-me exatamente, e que me inspiravam antes uma simpatia fraternal do que o medo que ordinariamente inspira a visão do desconhecido. Se eu quisesse tentar definir de algum modo a expressão singular dos seus olhares, diria que jamais vi olhos que brilhassem mais energicamente pelo horror do tédio e pelo desejo imortal pela liberdade.

Quando nos sentamos, meu hospedeiro e eu já éramos velhos e perfeitos amigos.

Comemos, bebemos à farta de todas as qualidades de vinhos extraordinários, e, coisa não menos extraordinária, parecia-me, depois de várias horas, que eu não estava mais embriagado do que ele. O jogo, esse prazer sobre-humano, cortara em diversos intervalos as nossas frequentes libações, e devo dizer que jogara e perdera minha alma, em parte ligada, com uma despreocupação e uma intrepidez heroicas. A alma é uma coisa tão imponderável, tão inútil às vezes, e outras vezes tão enfadonha, que eu só experimentei, quanto à sua perda, um pouco menos de emoção do que se tivesse perdido, num passeio, o meu cartão de visitas.

Fumamos longamente alguns charutos, cujo sabor e perfume incomparáveis davam à alma a nostalgia de regiões e felicidades desconhecidas. Foi embriagado por todas essas delícias que, num acesso de familiaridade que não me pareceu desagradar-lhe, ousei exclamar, apoderando-me de uma taça cheia até a borda: — À sua imortal saúde, velho Bode! Conversamos também sobre o universo, sua criação e sua destruição futura; sobre a grande ideia do século, isto é, o progresso e a perfectibilidade, e, em geral, sobre todas as formas de enfatuamento humano. A esse respeito, Sua Alteza de detinha em pilhérias ligeiras e irrefutáveis, mas exprimia-se com uma suavidade de dicção e uma tranquilidade de humor que eu não encontrei em nenhum dos mais célebres conversadores da humanidade. Explicou-me o absurdo das diferentes filosofias que até então se haviam apoderado do cérebro humano, e dignou-se mesmo de me fazer confiança de alguns princípios fundamentais cujos benefícios e propriedade não me convém partilhar com quem quer que seja. Não se lastimou de modo algum da má reputação que possui em todas as partes do mundo, assegurou-me que era a pessoa mais interessada na destruição da superstição e me confessou que, relativamente ao seu poder, só tivera medo uma vez, no dia em que ouvira um pregador, mais sutil do que os seus confrades, exclamar do púlpito: — Meus caros irmãos, quando ouvirdes gabar o progresso das luzes, nunca vos esqueçais de que o mais belo ardid do diabo consiste em persuadir-vos de que ele não existe! A lembrança desse célebre orador levou-nos naturalmente a falar das academias, e o meu estranho conviva afirmou-me que não desdenhava, em muitos casos, de inspirar a pena, e palavra e a consciência dos pedagogos, e que quase sempre assistia em pessoa, embora invisível, a todas as sessões acadêmicas.

Encorajado por tantas bondades, pedi-lhe notícias de Deus e perguntei-lhe se o vira recentemente. E ele me respondeu com uma despreocupação laivada de certa tristeza: — Nós nos cumprimentamos quando nos encontramos, mas como dois fidalgos em que uma polidez inata não poderia extinguir completamente a recordação de antigos ressentimentos.

É duvidoso que Sua Alteza tenha dado jamais uma audiência tão longa a um simples mortal, e tive receio de abusar. Por fim, quando a aurora tremeluzente já branqueava as vidraças, o famoso personagem, cantado por tantos poetas e servido por tantos filósofos que trabalham por sua glória, assim falou: Como quero que você guarde de mim uma boa recordação, vou provar-lhe que Eu, de quem se diz tanto mal, sou às vezes bom diabo, para servir-me de uma locução vulgar.

Afim de remediar a perda irremediável de sua alma, dou-lhe a parte que você teria ganho se a sorte lhe tivesse sido favorável, isto é, a possibilidade de aliviar e de vencer, durante toda a sua vida, essa estranha afeição pelo Tédio, que é a fonte de todas as enfermidades e de todos os miseráveis progressos humanos. Jamais você terá um desejo que eu não o ajude a realizá-lo. Será adulado e até adorado; o dinheiro, o ouro, os diamantes, os palácios feéricos virão procurá-lo e lhe pedirão que os aceite, sem que você tenha feito o menor esforço para ganhá-los; mudará de pátria tantas vezes quantas sua fantasia o ordenar; fartar-se-á de volúpias, sem enjoar-se, em países encantadores onde faz sempre calor e onde as mulheres são tão perfumadas quanto as flores. Et cætera, et cætera... — acrescentou levantando-se e se despedindo de mim com um sorriso cheio de bondade.

Não fora o receio de humilhar-me perante tão grandiosa assembleia, eu de bom grado cairia aos pés do generoso jogador, para agradecer-lhe a inaudita munificência. Aos poucos, porém, depois que o deixei, a incurável desconfiança tornou a entrar no meu peito.

Não mais ousei acreditar em tão prodigiosa felicidade e, ao deitar-me, fazendo ainda minha prece por um resto de hábito imbecil, repeti, meio adormecido: — Meu Deus! Senhor meu Deus! Fazei com que o diabo cumpra sua palavra para comigo!

A Edouard Manet (33)

As ilusões — dizia-me meu amigo — são talvez tão inumeráveis quanto as relações dos homens entre si, ou dos homens com as coisas. Quando a ilusão desaparece, isto é, quando vemos o ser ou o fato tal qual existe fora de nós, experimentamos um sentimento estranho, misto de saudade do fantasma desaparecido e agradável surpresa ante a novidade, ante o fato real. Se existe um fenômeno evidente, trivial, sempre semelhante e de tal natureza que a respeito seja impossível haver engano, é o amor materno. É tão difícil supor uma mãe sem amor materno quanto uma luz sem calor. Não é, pois, perfeitamente legítimo atribuir ao amor materno todas as ações e palavras de uma mãe, relativas ao seu filho? No entanto, escute esta pequena história, em que fui singularmente mistificado pela ilusão mais natural.

Minha profissão de pintor leva-me a observar atentamente os rostos, as fisionomias que aparecem no meu caminho. Você sabe o prazer que experimentamos por essa faculdade que aos nossos olhos torna a vida mais viva e mais significativa do que para os outros homens. No bairro retirado em que moro e onde vastos espaços de mato ainda separam as construções, observei muitas vezes um menino cuja fisionomia ardente e esperta, mais do que todas as outras, logo me seduziu. Por mais de uma vez, ele posou para mim eu o transformava ora em pequeno boêmio, ora em anjo, ora em Amor mitológico. Fazia-o carregar o violão do vagabundo, a Coroa de Espinhos e os Pregos da Paixão, e a Tocha de Eros. Cheguei a sentir um prazer tão vivo com as graças desse garoto, que um dia pedi aos seus pais, gente muito pobre, que consentissem em confiá-lo a mim, prometendo-lhes que o vestiria bem, que lhe daria algum dinheiro e que o seu único trabalho seria limpar os meus pincéis e fazer minhas compras. O menino, depois de ter lavado o rosto, tornou-se encantador, e a vida que levava em minha casa parecia-lhe um paraíso, em comparação com a que teria sofrido no cortiço paterno. Devo dizer somente que o guri me surpreendia, às vezes, com crises singulares de tristeza precoce, tendo em breve manifestado um gosto imoderado pelo açúcar e pelos licores. Um dia, ao constatar que, a despeito de todas as minhas advertências, ele tornara a cometer um pequeno furto desse gênero, ameacei-o de mandá-lo de novo para a casa dos pais. E saí em seguida, tendo os meus afazeres me retido bastante tempo fora de casa.

Quais não foram o meu horror e o meu assombro quando, regressando à casa, o primeiro objeto em que pus os olhos foi o meu guri, o esperto companheiro de minha vida, enforcado no painel daquele armário! Seus pés quase tocavam o soalho; uma cadeira, que ele decerto empurrara com o pé, estava derrubada ao lado; tinha a cabeça pendida sobre um ombro; o rosto inchado e os olhos arregalados com espantosa fixidez deram-me, a princípio, a ilusão de que ainda vivia. Descrever o que se passou não é tarefa tão fácil quanto talvez você o julgue. Ele já estava hirto e eu sentia uma certa repugnância inexplicável em fazê-lo cair bruscamente ao chão. Precisei segurá-lo com um só braço, enquanto com o outro cortei a corda. Feito isso, como o pequeno monstro se tivesse servido de uma corda muito fina que lhe entrara profundamente na carne, precisei, com uma tesourinha, procurar a corda entre os dois caroços da inchação, para desembaraçar-lhe o pescoço.

Esqueci-me de dizer-lhe que, em minha aflição, gritei por socorro, mas todos os vizinhos recusaram-se a ir em meu auxílio, fiéis aos hábitos do homem civilizado que, não sei porquê, nunca se envolve em casos de enforcamento. Afinal, veio um médico que declarou que o menino estava morto havia várias horas. Quando, mais tarde, tivemos de despi-lo para o

enterro, a rigidez do cadáver era tal que, desistindo de dobrar-lhe os membros, precisamos rasgar e cortar a roupa para tirá-la.

O comissário, a quem, como é natural, eu tive de expor o ocorrido, olhou-me de través e me disse, sem dúvida pelo desejo inveterado e o hábito profissional de atemorizar, arbitrariamente, os inocentes como os culpados: — Isso está mal contado! Restava uma tarefa suprema que cumprir, cuja simples ideia causava-me uma angústia terrível: era preciso avisar os pais. Meus pés recusavam levar-me. Por fim, tomei coragem. Mas, com grande espanto meu, a mãe ficou impassível, nem uma lágrima brotou-lhe no canto dos olhos. Atribuí essa coisa estranha ao horror que ela deveria ter sentido e lembrei-me da conhecida sentença: “As dores mais terríveis são as dores silenciosas”.

Quanto ao pai, limitou-se a dizer com um ar meio grosseiro e sonhador: — Afinal, talvez seja melhor assim. De qualquer forma ele acabaria mal! O corpo estava estendido no meu sofá, e eu, ajudado por uma criada, tratava dos últimos preparativos, quando a mãe entrou no meu estúdio. Disse-me que desejava ver o cadáver do filho. Eu não podia, naturalmente, impedir que ela se embriagasse em sua desgraça, recusando-lhe esse supremo e sombrio consolo. Pedi-me que lhe mostrasse o lugar onde o filho se enforcara.

— Oh, não, senhora! — respondi-lhe, — isso lhe faria mal.

E, como os meus olhos se voltassem involuntariamente para o fúnebre armário, notei, com um desgosto mesclado de horror e cólera, que o prego ficara fincado na parede, com um comprido pedaço de corda dependurado. Precipitei-me para arrancar esses últimos vestígios da desgraça e, quando quis atirá-los pela janela aberta, a pobre mulher pegou-me pelo braço e me disse com uma voz irresistível: — Oh, senhor! Deixe-me isso, peça-lhe, suplico-lhe! Tive a impressão de que o desespero tornara-a tão alucinada que se tomava agora de ternura pelo que servira de instrumento à morte do filho, querendo guardá-lo como uma horrível e querida relíquia. E assim se apoderou do prego e da corda.

Enfim! Enfim, estava tudo acabado. Só me restava retornar ao trabalho, mais vivamente ainda do que de costume, para expulsar aos poucos o pequeno cadáver que vagava nas circunvoluções do meu cérebro, perseguindo-me com seus grandes olhos fixos.

No dia seguinte, porém, recebi um maço de cartas: umas, dos locatários de minha casa, outras das casas vizinhas; uma, do primeiro andar, outra do segundo; outra do terceiro; e assim por diante, umas em estilo burlesco, como que procurando disfarçar sob uma pilhéria aparente a sinceridade do pedido; outras, pesadamente cínicas e sem ortografia, mas todas tendendo ao mesmo fim: obter de mim um pedaço da corda funesta e beatífica. Entre os signatários, havia, devo dizer-lhe, mais mulheres do que homens; nem todos, porém, acredite, pertenciam à classe baixa e vulgar. Eu guardei essas cartas.

E então, subitamente, uma luz se fez no meu cérebro, e compreendi porque aquela mãe empenhara-se tanto em arrancar-me a corda e com que comércio ela tencionava consolar-se.

XXXI

VOCAÇÕES

Num belo jardim, onde os raios de um sol de outono pareciam demorar-se prazenteiramente, sob um céu já esverdeado em que nuvens de ouro flutuavam como continentes em viagem, quatro lindas crianças, quatro meninos, sem dúvida cansados de brincar, conversavam entre si.

Dizia um: — Ontem levaram-me ao teatro. Em palácios grandes e tristes, nos fundos dos quais se veem o mar e o céu, homens e mulheres, sérios e tristes também, mas muito mais bonitos e bem vestidos do que os que vemos em toda parte, falam com uma voz de canto.

Ameaçam-se, suplicam, desolam-se, levam por vezes a mão a um punhal metido na cintura.

Ah! como é bonito! As mulheres são muito mais bonitas e maiores do que as que nos vão ver em casa, e, apesar dos grandes olhos fundos e das faces inflamadas lhes darem um ar terrível, não se pode deixar de amá-las. Fica-se com medo, tem-se vontade de chorar, mas se fica contente... Depois, o que é mais estranho é que a gente tem vontade de se vestir da mesma maneira, de dizer e fazer as mesmas coisas, de falar com a mesma voz.

Um dos quatro meninos, que há alguns segundos deixara de escutar o discurso do companheiro e observava com estranha fixidez não sei que ponto do céu, disse de repente: — Olhem, lá longe... Vocês o estão vendo? Ele está sentado naquela nuvenzinha isolada, aquela nuvenzinha cor de fogo, que marcha devagarinho. Parece que ele também nos observa.

— Mas, quem é? — perguntaram os outros.

— Deus! — respondeu ele, com um acento perfeito de convicção. — Ah! agora, já está muito longe e vocês não podem vê-lo. Decerto ele viaja, para visitar todos os países.

Prestem atenção, ele vai passar atrás daquela fila de árvores perto do horizonte... E agora está descendo atrás do campanário... Ah! não se vê mais! E o menino ficou muito tempo virado para o mesmo lado, fixando a linha que separa a terra do céu com olhos onde brilhava uma expressão inexprimível de êxtase e saudade.

— Ele está ficando bobo com o seu bom Deus, que só ele pode enxergar! — disse então o terceiro, cuja pessoinha era toda marcada por uma vivacidade e uma vitalidade singulares. — Eu é que vou contar-lhes como me aconteceu uma coisa que nunca lhes sucedeu e que é um pouco mais interessante do que todas essas histórias de teatro e de nuvens. Faz alguns dias, meus pais me levaram para viajar com eles. Como não houvesse, no hotel em que nos instalamos, camas bastantes para todos nós, decidiu-se que eu dormiria na mesma cama com minha ama.

Nesse ponto, atraiu os companheiros para junto de si e continuou com voz mais baixa: — É uma coisa maravilhosa, não estar deitado sozinho e ficar numa cama com a ama da gente, no escuro. Como eu não dormisse, fiquei me divertindo, enquanto ela dormia, em passar-lhe a mão pelos braços, pelo pescoço e pelos ombros. Ela tem os braços e o pescoço muito mais grossos do que todas as outras mulheres, e a pele dela é tão macia, que até parece feita de papel de carta ou de papel de seda. Eu sentia tanto prazer que teria continuado por muito tempo, se não tivesse medo, medo de despertá-la, medo não sei de quê. Depois, enrolei a cabeça nos cabelos dela, que lhe caíam sobre as costas, espessos como uma juba, e cheiravam tanto, afirmo-lhes, como as flores deste jardim.

Experimentem, quando puderem, fazer o mesmo que eu fiz, e vocês vão ver! O jovem autor dessa revelação prodigiosa, ao fazer sua narrativa, tinha os olhos arregalados por uma espécie de estupefação diante do que ainda sentia, e os raios de sol do poente, deslizando pelos ruivos cachos dos seus cabelos em desalinho, iluminavam-nos como de uma auréola sulfurosa de paixão. Era fácil prever que esse menino não perderia a vida a procurar a Divindade nas nuvens, mas muitas vezes haveria de encontrá-la em outra parte.

Finalmente disse o quarto garoto: — Vocês sabem que eu em casa não me divirto. Nunca me levam ao espetáculo. O meu tutor é muito sovina. Deus não cuida de mim nem do meu tédio, e eu não tenho uma ama bonita para me extasiar. Pareceu-me, muitas vezes, que o meu maior prazer seria caminhar sempre em linha reta, sem saber para onde, sem que ninguém se

preocupasse com isso, e ver sempre lugares novos. Nunca me sinto bem em parte nenhuma e sempre acho que estaria melhor em outra parte do que onde estou. Pois bem! Na última feira da aldeia vizinha, vi três homens que vivem como eu desejaria viver. Vocês nem deram por isso. Eles eram grandes, quase negros e muito orgulhosos, embora esfarrapados, com um ar de quem não precisa de ninguém. Quando tocavam uma música, os seus grandes olhos sombrios tornavam-se brilhantes, e era uma música tão impressionante que até dava vontade de dançar, chorar, ou fazer as duas coisas ao mesmo tempo, e a gente enlouqueceria se a escutasse por muito tempo. Um deles, ao deslizar o arco sobre o violino, dava a impressão de estar contando um desgosto; outro, fazendo saltitar um martelinho nas cordas de um pequeno piano pendurado ao pescoço por uma correia, parecia zombar do lamento do companheiro; e o terceiro, com uma violência extraordinária, batia um contra o outro, nos seus intervalos, os seus pratos metálicos. Estavam tão contentes que, mesmo depois que a multidão se dispersou, continuaram a tocar sua música de selvagens. Por fim, juntaram as moedas que haviam ganho, puseram a bagagem nas costas e foram-se embora. Como eu queria saber onde moravam, segui-os de longe, até à beira da floresta. E só então compreendi que não moravam em parte alguma. Disse um deles: “Vamos armar a barraca?” Ao que outro respondeu: “Não! Por quê? A noite está tão bonita!” E o terceiro dizia, contando a fêria: “Aquela gente não sente a música, as mulheres dançam como ursos.

Felizmente, em menos de um mês estaremos na Áustria, onde encontraremos um povo mais simpático”. Disse então um outro: “Talvez fosse melhor irmos para a Espanha, que o inverno está chegando. Tratemos de fugir antes das chuvas, e molhemos somente a garganta”. Guardei tudo, como vocês estão vendo. Em seguida, beberam cada qual uma caneca de aguardente e adormeceram com a frente voltada para as estrelas. A princípio, eu tive vontade de pedir-lhes que me levasse com eles e me ensinassem a tocar aqueles instrumentos. Não me atrevi, porém, decerto porque é sempre muito difícil a gente se decidir seja lá para o que for, e também porque tive receio de ser pegado antes de estar fora da França.

O ar pouco interessado dos três outros pequenos fez-me pensar que aquele garoto era já um incompreendido. Olhei atentamente para ele. Tinha no olhar e na frente um não sei quê de precocemente fatal que em geral afasta a simpatia e que, não sei porquê, excitava a minha, ao ponto de me ter vindo, por um instante, a extravagante ideia de que talvez tivesse um irmão meu desconhecido.

O sol desaparecera no ocaso e a noite tomara-lhe o posto. As crianças separaram-se, indo cada qual, segundo as circunstâncias e as vicissitudes, amadurecer o próprio destino, escandalizar os seus e gravitar para a glória ou para a desonra.

XXXII

O TIRSO

A Franz Liszt (34)

Que é um tirso? No sentido moral e poético, é um símbolo com que os sacerdotes e sacerdotisas celebram a divindade da qual são os intérpretes e os servidores. Mas, fisicamente, é apenas um pau, um simples pau, uma estaca de lúpulo, ou um esteio de vinha, seco, duro e direito. Em volta desse pau, em meandros caprichosos, divertem-se e brincam hastes e flores, umas sinuosas e fugidias, outras pendendo como sinos ou taças derrubadas.

Uma glória fantástica jorra dessa complexidade de linhas e de cores, pálidas ou brilhantes. Dir-se-ia que a linha curva e a espiral fazem a corte à linha reta e dançam ao redor de uma silenciosa adoração. Dir-se-ia que todas essas corolas delicadas, todos esses cálices, explosões de aromas e de cores, executam um místico fandango em torno do bastão hierático. Todavia, que imprudente mortal ousará decidir se as flores e os pâmpanos foram feitos para o bastão, ou se o bastão é apenas o pretexto para mostrar a beleza dos pâmpanos e das flores? O tirso é a representação da vossa maravilhosa dualidade, senhor poderoso e venerado, caro Bacante (35) da Beleza misteriosa e apaixonada. Ninfa alguma, exasperada pelo invencível Baco, sacudiu o tirso sobre as cabeças das companheiras, enlouquecidas com a energia e o capricho com que agita o vosso gênio sobre os corações dos vossos irmãos. O bastão é a vossa vontade, reta, firme e inabalável. As flores, o passeio de vossa fantasia em torno de vossa vontade. É o elemento feminino executando em volta do macho as suas prestigiosas piruetas. Linha reta e linha arabesca, intenção e expressão, tensão da vontade, sinuosidade do verbo, unidade do fim, variedade dos meios, amálgama todo-poderoso e indivisível do gênio: que analista terá a detestável coragem de vos dividir e separar? Caro Liszt, através das brumas, para além dos rios, acima das cidades onde os pianos cantam a vossa glória, onde a imprensa traduz a vossa sabedoria, em qualquer parte que vos encontréis, nos esplendores da cidade eterna ou nas brumas dos países sonhadores que Cambrinus consola, improvisando canções alegres ou de inefável dor, ou confiando ao papel vossas meditações abstrusas, cantor da Volúpia e da Angústia eternas, filósofo, poeta e artista, eu vos saúdo na imortalidade!

XXXIII

EMBRIAGAI-VOS!

Deveis andar sempre embriagados. Tudo consiste nisso: eis a única questão. Para não sentirdes o fardo horrível do Tempo, que vos quebra as espáduas, vergando-vos para o chão, é preciso que vos embriagueis sem descanso.

Mas, com quê? Com vinho, poesia, virtude. Como quiserdes. Mas, embriagai-vos.

E se, alguma vez, nos degraus de um palácio, na verde relva de uma vala, na solidão morna do vosso quarto, despertardes com a embriaguez diminuída ou desaparecida, perguntai ao vento, à vaga, à estrela, ao pássaro, ao relógio, a tudo o que foge, a tudo o que geme, a tudo o que rola, a tudo o que canta, a tudo o que fala, perguntai que horas são. E o vento, a vaga, a estrela, o pássaro, o relógio vos responderão: — É a hora de vos embriagardes! Para não serdes escravos martirizados do Tempo, embriagai-vos! Embriagai-vos sem cessar! Com vinho, poesia, virtude! Como quiserdes!

XXXIV

Cem vezes o sol jorrara, radioso ou entristecido, da cuba imensa do mar, cujas bordas mal se deixam perceber; e cem vezes tornara a mergulhar, cintilante ou melancólico, no imenso banho da noite. Havia numerosos dias, podíamos contemplar o outro lado do firmamento e decifrar o alfabeto celeste dos antípodas. Todos os passageiros gemiam e ressonavam. Dir-se-ia que a aproximação da terra exasperava-lhes o sofrimento. Diziam eles: — Quando deixaremos de dormir este sono sacudido pelas vagas, perturbado por esse vento que ronca mais alto do que nós? Quando poderemos sossegar numa poltrona imóvel? Havia os que pensavam no lar, com saudade da mulher infiel e impaciente, e da prole barulhenta. Estavam todos tão alucinados com a imagem da terra ausente, que teriam, creio, comido a erva com mais entusiasmo do que os irracionais.

Por fim, surgiu uma praia. Aproximando-nos, vimos que era uma terra magnífica, deslumbrante. Parecia que as músicas da vida se destacavam dela num vago murmúrio e que daquela costa, rica em verduras de toda espécie, se desprendia, até várias léguas, um cheiro delicioso de flores e frutos.

Logo se alegraram todos, abdicando o mau humor. Todas as rugas foram esquecidas, todas as recíprocas ofensas perdoadas. Riscaram-se da memória os duelos marcados, e o rancor dissipou-se como fumaça.

Somente eu estava triste, inconcebivelmente triste. Como um sacerdote a quem se arrancasse sua divindade, eu não podia, sem uma aflita amargura, separar-me daquele mar tão monstruosamente sedutor, tão infinitamente variado em sua medonha simplicidade, que parece conter e representar, com suas diversões, suas maneiras, suas cóleras e seus sorrisos, os humores, as agonias e os êxtases de todas as almas que viveram, vivem e viverão! Dizendo adeus àquela beleza incomparável, eu me sentia mortalmente abatido.

Quando os meus companheiros disseram: “Enfim!”, só pude gritar: “Já?” No entanto, era a terra, a terra com seus ruídos, suas paixões, suas comodidades, suas festas. Terra rica e magnífica, cheia de promessas, que nos enviava um misterioso perfume de rosa e de musgo, e de onde as músicas da vida nos chegavam num amoroso murmúrio.

Quem olha de fora por uma janela aberta não vê nunca tantas coisas como quem olha uma janela fechada. Não há objeto mais profundo, mais misterioso, mais fecundo, mais tenebroso, mais deslumbrante, do que uma janela iluminada por uma candeia. O que se pode ver ao sol é sempre menos interessante do que o que se passa por detrás de uma vidraça. Dentro daquela abertura negra ou luminosa, a vida vive, a vida sonha, a vida sofre.

Para além das vagas de tetos, distingo uma mulher madura, já enrugada, pobre, sempre curvada sobre alguma coisa, e que não sai nunca. Com seu rosto, com sua roupa, com seus gestos, com quase nada, eu refiz a história dessa mulher, ou antes, sua lenda, e às vezes, chorando, conto-a a mim mesmo.

Se fosse um pobre velho, eu teria feito o mesmo com igual facilidade.

Deito-me, orgulhoso de ter vivido e sofrido em outros que não eu.

Dir-me-ei talvez: — Estás certo de que é essa a lenda verdadeira? Que importa o que pode ser a realidade colocada fora de mim, se ela não me ajudou a viver, a sentir que sou, o que sou?

Desgraçado talvez o homem, mas feliz o artista torturado pelo desejo! Queimo do desejo de pintar aquela que me apareceu tão raramente e que tão depressa fugiu, como uma bela coisa pranteada, atrás do viajante transportado na noite. Há tanto tempo que desapareceu! Ela é bonita, mais do que bonita: é surpreendente. O negro nela prevalece: tudo o que inspira é noturno e profundo. Seus olhos são dois antros onde vagamente cintila o mistério, e o seu olhar ilumina como o relâmpago: é uma explosão nas trevas.

Eu a compararia a um sol negro, se se pudesse conceber astro negro derramando luz e felicidade. Todavia, lembra mais a lua, que sem dúvida a marcou com sua terrível influência. Não a lua branca dos idílios, que se assemelha a uma fria mulher casada, mas a lua inebriante e sinistra, suspensa no fundo de uma noite tempestuosa e bruscamente impelida pelas nuvens que correm. Não a lua calma e discreta que visita o sono dos homens puros, mas a lua arrancada do céu, revoltada e vencida, que as feiticeiras da Tessália (36) cruelmente obrigavam a dançar na relva terrificada! Habitam-lhe a pequena fronte uma vontade tenaz e o amor à presa. No entanto, embaixo daquele inquietante rosto, onde narinas móveis aspiram o desconhecido e o impossível, explode, com uma graça inexprimível, a gargalhada de uma grande boca silenciosa, vermelha e branca, que faz sonhar com o milagre de uma flor soberba que desabrochasse num terreno vulcânico.

Há mulheres que inspiram o desejo de vencê-las e gozá-las. Aquela, porém, dá o desejo de morrer devagarinho sob o seu olhar.

OS BENEFÍCIOS DA LUA

A Lua, que é a personificação do capricho, olhou pela janela, enquanto dormias no teu berço, e disse consigo: — Gosto desta criança.

Desceu preguiçosamente a escada de nuvens e passou de mansinho pelas vidraças.

Depois, estendeu-se em cima de ti com a ternura macia de uma mãe e coloriu o teu rosto.

Tuas pupilas ficaram verdes e tuas faces extraordinariamente pálidas. Foi ao contemplar essa visitante que os teus olhos aumentaram de um modo tão estranho. E foi tal a ternura com que apertou tua garganta que ficaste para sempre com vontade de chorar.

Na expansão de sua alegria, a Lua enchia todo o quarto como uma atmosfera fosfórica, como um luminoso veneno. E toda aquela luz viva pensava e dizia: — Sofrerás eternamente a influência do meu beijo. Serás bela à minha maneira.

Amarás o que eu amo e o que me ama: a água, as nuvens, o silêncio e a noite; o mar verde e imenso; a água informe e multiforme; o lugar onde não estiveres; o amante que não conheceres; as flores monstruosas; os perfumes que fazem delirar; os gatos pasmados em cima dos pianos e gemendo como mulheres, com uma voz rouca e macia. Serás amada por meus amantes, cortejada por meus cortesãos. Serás a rainha dos homens de olhos verdes, cuja garganta eu também apertei nas minhas carícias noturnas; daqueles que amam o mar, o mar imenso, tumultuoso e verde, a água informe e multiforme, o lugar onde não estão, a mulher que não conhecem, as flores sinistras que parecem incensórios de uma religião desconhecida, os perfumes que perturbam a vontade, e os voluptuosos animais selvagens que simbolizam a loucura desses homens. É por isso, maldita e querida enfant gatée, que eu agora estou deitado aos teus pés, procurando em toda a tua pessoa o reflexo da temível Divindade, da fática madrinha, da ama que envenena os lunáticos.

XXXVIII

QUAL É A VERDADEIRA?

Conheci uma certa Benedita que enchia a atmosfera de ideal e cujos olhos difundiam o desejo da grandeza, da beleza, da glória e de tudo o que faz acreditar na imortalidade.

A maravilhosa rapariga era, porém, demasiado bela para viver muito tempo: morreu alguns dias depois que a conheci e eu mesmo a enterrei, num dia em que a primavera agitava o seu incensório até nos cemitérios. Fui eu que a enterrei, bem fechada dentro de um tufo perfumado e incorruptível como os cofres da Índia.

Quando os meus olhos se fixaram no lugar onde estava escondido o meu tesouro, surgiu diante de mim um pequeno vulto singularmente parecido coma defunta e que, batendo os pés na terra fresca com uma violência histérica e estranha, me disse soltando uma gargalhada: — Sou eu a verdadeira Benedita! Sou eu a famosa canalha! E, como castigo da tua loucura e de tua cegueira, hás de amar-me tal e qual eu sou! Furioso, respondi-lhe: — Não, não e não! E, para melhor acentuar minha recusa, bati o pé no chão com tanta violência que minha perna afundou até ao joelho na fofa sepultura, e agora, como um lobo pegado no laço, devo ficar, talvez para sempre, ligado à cova do ideal.

É bastante feia. Mas, é deliciosa! O Tempo e o Amor marcaram-na com suas garras e lhe ensinaram o que cada minuto e cada beijo encerram de juventude e frescor.

É mesmo feia: formiga, aranha, e até esqueleto, se quiserem. Mas é bebida, magistério, feitiço! Em suma, é esquisita.

O Tempo não pôde quebrar-lhe a crepitante harmonia do andar, nem a elegância indestrutível do porte. O Amor não lhe alterou a suavidade do hálito de criança. Nada lhe tirou o Tempo da farta cabeleira que exala, em selváticos perfumes, toda a endiabrada vitalidade do Meio-dia francês: Nimes, Aix, Arles, Avignon, Narbonne, Toulouse, cidades abençoadas de sol, encantadoras e amorosas! O Tempo e o Amor morderam-na em vão com seus grandes dentes: nada diminuíram o encanto vago, mas eterno, do seu colo de moça.

Gasta, talvez, mas não fatigada, e sempre heróica, ela faz pensar nesses cavalos puro-sangue que os olhos do verdadeiro amador reconhecem, mesmo quando atrelados a um carro de aluguel ou a uma pesada carroça.

Além disso, como é delicada e ardente! Ama como se ama no outono: dir-se-ia que a aproximação do inverno lhe acende no coração um fogo novo, e a servilidade de sua ternura nada tem de fatigante.

XL

O ESPELHO

Um homem medonho entra e mira-se no espelho.

— Porque olha para o espelho, se só pode ver-se com desgosto? — perguntei-lhe — Senhor, — respondeu-me, — segundo os imortais princípios de 89, todos os homens são iguais em direitos: tenho, pois, o direito de mirar-me. Com prazer ou com desgosto, isto é com minha consciência.

Em nome do bom senso, é certo que eu tinha razão; mas, do ponto de vista da lei, a razão estava com ele.

XLI

O PORTO

Um porto é um retiro encantador para uma alma cansada das lutas da vida. A largueza do céu, a móvel arquitetura das nuvens, o colorido cambiante do mar, o brilho dos faróis, são um prisma maravilhosamente adequado para distrair o olhar sem cansá-lo nunca.

As formas esguias dos navios, de construção complicada, aos quais a maré imprime oscilações harmoniosas, servem para entreter na alma o gosto do ritmo e da beleza. E há, além disso, uma espécie de prazer misterioso e aristocrático, para quem não tem mais curiosidade nem ambição, em contemplar, deitado no mirante ou debruçado no cais, todos os movimentos dos que partem e dos que chegam, dos que ainda têm a força de querer e o desejo de viajar ou fazer fortuna.

XLII

RETRATOS DE AMANTES

Num boudoir de homens, numa sala de fumar contígua a um elegante cassino, quatro homens fumavam e bebiam. Não eram precisamente nem moços nem velhos, nem bonitos nem feios; mas, velhos ou moços, traziam essa distinção não desprezada pelos veteranos da alegria, esse indescritível não sei quê, essa tristeza fria e irônica que diz claramente: “Já vivemos muito e ainda procuramos o que poderíamos amar e estimar”.

Um deles desviou a conversa para as mulheres. Teria sido mais filosófico não tocar absolutamente no assunto, mas há pessoas de espírito que, quando bebem, deixam de desprezar as palestras banais. Escuta-se então aquele que fala, como se escutaria uma música de dança.

— Todos os homens, — dizia ele, — já tiveram a idade dos querubins; é a época em que, à falta de dríades (37), a gente abraça, sem desprazer, o tronco dos carvalhos. É o primeiro grau do amor. No segundo grau, principia-se a escolher. Poder deliberar é já uma decadência. É então que se procura decididamente a beleza. Quanto a mim, senhores, vanglorio-me de ter chegado, há muito tempo, à época climatérica do terceiro grau, no qual nem a beleza é suficiente, se não é temperada de perfume, de enfeites, et cætera. Confesso mesmo que, às

vezes, aspiro como a uma felicidade desconhecida, a um certo grau que deve marcar a calma absoluta. Mas, durante toda a minha vida, exceto na idade de querubim, tenho sido mais sensível do que qualquer outro à enervante toleima, à irritante mediocridade das mulheres. O que amo nos animais é, sobretudo, a sua candura. E agora julguem quanto devo ter sofrido com minha última amante. Ela era bastarda de um príncipe. Bonita, naturalmente; sem isso, porque haveria eu de querê-la? Mas, essa qualidade era prejudicada por uma ambição inconveniente e disforme. Era uma mulher que queria sempre fazer-se de homem. “Você não é homem! Ah, se eu fosse homem! De nós dois, o homem sou eu!” Tais eram os insuportáveis refrões que saíam daquela boca da qual eu desejaria que só partissem canções. A propósito de um livro, de um poema, de uma ópera pela qual eu deixasse escapar a minha admiração, ela logo me dizia: “Acha que isso seja assim tão forte?” E argumentava: “E conhecerá você sua força?” Um belo dia, resolveu dedicar-se à química, de modo que, entre minha boca e a sua, passei a encontrar uma máscara de vidro. Além disso, muito esquiva. Se às vezes eu a excitava com um gesto um pouco amoroso demais, convulsionava-se como uma sensitiva violada...

— E como acabou? — perguntou um dos outros. — Nunca pensei que você fosse tão paciente.

— Deus — continuou ele — deu o remédio. Um dia, encontrei essa Minerva (38), ávida de força ideal, num colóquio com o meu criado, e numa situação que me obrigou a retirarme para não envergonhá-los. À noite, mandei os dois embora, pagando-lhes o saldo de suas contas.

— Quanto a mim, — disse o que interrompera, — só posso queixar-me de mim mesmo.

A felicidade foi morar em minha casa e eu não a reconheci. O destino doara-me, estes últimos tempos, o usufruto de uma mulher que era certamente a mais amável, obediente e dedicada das criaturas. Sempre disposta, mas sem entusiasmo! “Quero, pois você gosta”, — era sua resposta habitual. Se vocês dessem uma bengalada naquela parede ou naquele banco, obteriam mais suspiros do que os impulsos do amor mais furioso do seio de minha amante. Depois de um ano de vida comum, ela confessou-me que jamais conhecera o prazer. Enjoei desse duelo desigual, e a incomparável rapariga casou-se. Tive, mais tarde, a ideia de tornar a vê-la e então ela me disse, mostrando-me seis lindas crianças: “Pois é, meu caro amigo, a esposa continua tão virgem como quando era sua amante”. Nada mudara naquela criatura. Às vezes, tenho saudades: eu deveria ter-me casado com ela.

Os outros puseram-se a rir, e um terceiro disse por sua vez: — Senhores, conheci prazeres que talvez tenham esquecido. Quero falar do lado cômico do amor, cômico que não exclui a admiração. Creio que admirei mais minha última amante do que vocês adiaram ou amaram as suas. E toda a gente admirava-a tanto quanto eu. Quando entrávamos num restaurante, ao cabo de alguns minutos, todos se esqueciam de comer para contemplá-la. Os próprios garçons e a caixa experimentavam esse êxtase contagioso ao ponto de se esquecerem dos seus deveres. Em suma, vivi por algum tempo com um fenômeno vivo. Ela comia, mastigava, triturava, devorava, engolia, mas com o ar mais natural e despreocupado deste mundo. Mantinha-me assim, durante muito tempo, em êxtase. Tinha um modo delicado, sonhador, inglês e romântico de dizer: “Estou com fome!” E repetia essas palavras dia e noite, mostrando os dentes mais bonitos deste mundo, que os teriam enternecido e alegrado ao mesmo tempo. Eu poderia ter feito fortuna mostrando-a nas feiras como um monstro polígrafo. Alimentava-a bem; no entanto, ela me abandonou...

Por um fornecedor de víveres, talvez? Mais ou menos isso, uma espécie de empregado da intendência que, com alguns expedientes que conhecia, talvez tenha fornecido àquela pobre criança a ração de vários soldados. É pelo menos o que suponho.

— Eu — disse o quarto — é que amarguei sofrimentos atrozes, justamente pelo contrário

do que em geral se atribui à fêmea egoísta. Acho que vocês, mortais de tanta sorte, não têm o direito de se queixarem das imperfeições de suas amantes! Disse isso num tom sério demais para um homem de aspecto doce e grave, com uma fisionomia quase clerical, infelizmente iluminada por uns olhos cinzentos claros, cuja expressão parecia dizer: “Eu quero!” ou: “É preciso!” ou ainda: “Não perdô!” — Se, nervoso como o conheço, G..., medrosos e volúveis como vocês dois, K... e J..., vocês se tivessem unido a certa mulher de minhas relações, ou teriam fugido, ou estariam mortos. Pois eu sobrevivi, como estão vendo. Imaginem uma pessoa incapaz de cometer uma falta, de sentimento ou de cálculo; imaginem uma desoladora serenidade de temperamento; uma dedicação sem falsidade e sem exageros; uma meiguice sem fraqueza; uma energia sem violência. A história do meu amor parece uma interminável viagem numa planície pura e polida como um espelho, vertiginosamente monótona, que refletisse todos os meus sentimentos e gestos com a irônica exatidão da minha própria consciência, de maneira que eu não pudesse permitir-me uma atitude ou um sentimento condenável sem sentir imediatamente a muda censura do meu inseparável espectro. O amor parecia-me uma tutela. Quantas tolices ela me impediu de fazer e que eu lamento não ter cometido! Quantas dívidas pagas contra a minha vontade! Privava-me de todos os benefícios que eu pudesse tirar da minha loucura pessoal. Com um regime frio e seguido à risca, refreava todos os meus caprichos. Por cúmulo do horror, passado o perigo, não exigia reconhecimento.

Quantas vezes não tive o ímpeto de saltar-lhe à garganta e gritar-lhe: “Seja imperfeita, miserável! Para que eu possa gostar de você sem aborrecimento e sem cólera!” Admirei-a durante vários anos, o coração cheio de ódio. Afinal, não fui eu que morri! — Ah! — interromperam os outros, — então ela morreu?

— Sim! Aquilo não podia continuar. O amor tornara-se para mim um pesadelo horrível. Vencer ou morrer, como ensina a Política; eis a alternativa que o destino me impunha. Uma noite, num bosque... à beira de um charco... após um melancólico passeio em que os olhos dela refletiam a doçura do céu, e em que o meu coração estava crispado como o inferno...

— O quê!

— Como!

— Que quer você dizer?

— Era inevitável. Tenho um sentimento de equidade muito grande para espancar, ultrajar ou despedir um servidor irrepreensível. Mas, era preciso conciliar esse sentimento com o horror que aquele ser me inspirava, e livrar-me dele sem lhe faltar ao respeito. Que queriam que eu fizesse, se ela era perfeita?

Os três outros companheiros lançaram-lhe um olhar vago e meio estúpido, como fingindo não compreender e confessando implicitamente que também não se sentiam capazes de ação tão rigorosa, embora suficientemente explicada.

Em seguida, mandaram vir novas garrafas, para matar o tempo, que torna a vida tão dura, e acelerar a vida, que corre tão devagar.

XLIII

ATIRADOR GALANTE

Quando o carro atravessou o bosque, ele fê-lo parar perto de um tiro, dizendo que lhe seria agradável atirar algumas balas para matar o tempo. Matar esse monstro, não será a ocupação mais comum e mais legítima de cada um? Ofereceu galantemente a mão à

companheira, deliciosa e execrável mulher, essa mulher misteriosa a quem ele deve tantos prazeres, tantos sofrimentos e talvez mesmo uma grande parte do seu gênio.

Várias balas passaram longe do ponto visado, indo uma alojar-se no teto. A encantadora criatura ria-se perdidamente, zombando da inabilidade do esposo. Então, este voltou-se bruscamente para ela e lhe disse: — Olhe para aquela boneca, lá longe, à direita, com o nariz para cima e um ar tão insolente. Pois bem, querida, imagine que é você! E, fechando os olhos, deu no gatilho. A boneca foi lindamente decapitada.

Depois, inclinando-se para a companheira, sua deliciosa e execrável mulher, sua Musa impiedosa e inevitável, beijou-lhe respeitosamente a mão e acrescentou: — Ah! Anjo querido! Como lhe agradeço minha habilidade!

XLIV

A SOPA E AS NUVENS

Minha travessa companheira servia-me o jantar e, enquanto isso, pela janela aberta da sala, eu contemplava as arquiteturas movediças que Deus formou com os vapores; maravilhosas construções do impalpável. E dizia em minha contemplação: — Todas essas fantasmagorias são quase tão belas quanto minha linda companheira, a pequena louca monstruosa de olhos verdes.

De repente, recebi um violento soco nas costas e ouvi uma voz rouca e encantadora, uma voz histérica e enrouquecida pela aguardente, a voz de minha querida companheirinha, que me disse: — Vá logo tomar sua sopa, seu mercador de nuvens!

O TIRO E O CEMITÉRIO

Em frente ao cemitério, Estaminet (39) Letreiro esquisito, — diz consigo o nosso passeador, — mas próprio para despertar a sede! Certamente, o dono desse cabaré sabe apreciar Horácio (40) e os poetas discípulos de Epicuro (41). Talvez mesmo conheça o refinamento profundo dos antigos egípcios, que não admitiam banquete sem esqueleto, ou outro símbolo qualquer da brevidade da vida.

Entrou, bebeu uma garrafa de cerveja diante dos túmulos e fumou vagarosamente um charuto. Depois, teve a extravagância de ir até ao cemitério, onde o mato era alto e convidativo, e onde reinava um riquíssimo sol.

A luz e o calor eram causticantes. Dir-se-ia que o sol embriagado espojava-se todo sobre um tapete de flores magníficas fertilizadas pela destruição. Um imenso burburinho de vida, — a vida dos infinitamente pequenos, — enchia o espaço cortado a intervalos regulares pela crepitação dos disparos de um tiro vizinho, que ressoavam como o espocar das garrafas de champagne no gorjeio de uma sinfonia em surdina.

Então, sob o sol que lhe esquentava o cérebro e na atmosfera dos ardentes perfumes da Morte, ouviu uma voz cochichar debaixo do túmulo em que se sentara. Essa voz dizia: — Malditos sejam vossos alvos e vossas carabinas, oh vivos turbulentos, que tão pouco vos importais com os defuntos e o seu divino repouso! Malditas sejam as vossas ambições, malditos os vossos planos, oh mortais impacientes, que vindes aprender a arte de matar junto ao santuário da Morte! Se soubésseis como é fácil ganhar o prêmio, como é fácil alcançar o fim, e como tudo é nada, exceto a Morte, não vos fatigariéis tanto, oh laboriosos viventes, e perturbaríeis menos o sono dos que há tanto tempo puseram no Fim o único fim verdadeiro da detestável vida!

PERDA DE AURÉOLA

— Olá! Você por aqui, meu caro! Num lugar mal frequentado! Você, o bebedor de quintessências! Você, o comedor de ambrosia! Palavra que me surpreende!

— Meu caro, você conhece o meu pavor dos cavalos e dos veículos. Ainda há pouco, ao atravessar a avenida, muito apressado, escorreguei na lama, esse caos movediço onde a morte aparece de todos os lados. Minha auréola, num movimento brusco, saiu-me da cabeça e foi parar no barro do macadame. Não tive coragem de apanhá-la. Achei menos desagradável perder minhas insígnias do que quebrar os ossos. Afinal de contas, pensei, há males que são para bem. Posso, agora, andar incógnito, praticar atos baixos e cair na devassidão, como os simples mortais. E eis-me aqui, igual a você, como está vendo!

— Mas deveria ao menos anunciar a perda da auréola, ou fazê-la reclamar pelo comissário.

— Isso, não! Estou bem aqui. Só você me reconhece. Além disso, ando farto de dignidade. E depois acho que não faltará um poeta para apanhá-la e cobrir-se com ela. Fazer alguém feliz, que prazer! Sobretudo um feliz que me fará rir! Pense no X ou no Z! Hein? Vai ser um gozo!

Ao chegar ao fim do arrabalde, sob os clarões do gás, senti um braço passar devagarinho debaixo do meu, e ouvi uma voz dizer-me ao ouvido: — O sr. é médico? Voltei-me e vi uma moça alta e robusta, olhos arregalados, semiuniformizada, cabelos flutuando ao vento com as fitas do boné.

— Não, não sou. Deixe-me passar.

— Oh! Sim! O sr. é médico! Vejo bem que o é. Venha comigo. Garanto que ficará contente. Venha! Que diabo! Mais tarde, depois do médico, irei vê-lo.

E, sempre dependurada no meu braço e rebentando-se de rir: — Hahaha! O sr. é um médico muito tapeador. Conheço vários assim. Vamos! Eu sempre tive uma grande paixão pelo mistério, nunca perdendo a esperança de desvendá-lo. Deixei-me, por isso, arrastar por essa companheira, ou antes, por esse enigma inesperado.

Vou omitir a descrição da choupana, que se poderia encontrar em uma porção de velhos poetas franceses bastante conhecidos. Somente dois ou três retratos de doutores célebres — detalhe que passou despercebido a Régnier (42) — havia pendurados nas paredes.

Como fui bem tratado! Um grande fogo, vinho quente, charutos. Oferecendo-me essas coisas e acendendo também um charuto, dizia-me a engraçada criatura: — Aqui é como se estivesse em sua casa, meu amigo, esteja à vontade. Assim se lembrará do hospital e do bom tempo em que era moço. Onde arranjou esses cabelos brancos? O sr. não era assim, ainda não faz muito tempo, quando trabalhava como interno de L... Lembro-me de que era quem o assistia nas operações graves. Que homem para gostar de cortar, talhar, esgravatar! Era o sr. quem lhe entregava os instrumentos, os fios e as esponjas. E, feita a operação, com que orgulho ele dizia, puxando o relógio: “Cinco minutos, senhores!” Oh! Eu ando em toda parte. Conheço bem esses senhores! Instantes mais tarde, tratando-me por você, continuou com a mesma cantilena, dizendo-me: — Você é médico, não é, meu gatinho?

Esse ininteligível refrão fez-me saltar: — Não! — gritei, indignado.

— Cirurgião, então?

— Não, e não! Só se fosse para cortar a sua cabeça! Com mil diabos!

— Espere e verá, — disse ela.

Tirou de um armário um maço de papéis, que não era outra coisa senão a coleção dos retratos dos médicos ilustres da época, litografados por Maurin, que durante muitos anos puderam ser vistos no cais Voltaire.

— Pronto! Reconhece este?

— Sim, é X. O nome está embaixo, aliás. Mas, eu o conheço pessoalmente.

— Eu sabia! Veja! Aqui está o Z, aquele que dizia na aula, referindo-se a X: “Esse monstro traz no rosto o negrume que tem na alma!” Tudo isso porque o outro não era da opinião dele sobre um mesmo assunto! Como nos ríamos disso na Escola, naquele tempo! Lembra-se? Mais outro, veja: é o K, aquele que denunciava ao governo os revoltosos que tratava no hospital. Era uma época de levantes. Como se explica que um homem tão bonito fosse tão ruim? Veja agora o W, o famoso médico inglês; apanhei-o numa viagem a Paris. Tem

um arzinho de mulher, não tem?

E como eu tocasse num pacote amarrado, que estava em cima de uma mesa, ela me disse: — Espere um pouco, esses são os internos. Estes aqui são os externos.

E arrumou em leque um maço de fotografias, representando caras muito moças.

— Quando nos tornarmos a ver, você me dará o seu retrato, não é, querido?

— Mas, — disse-lhe eu, seguindo por minha vez o curso de minha ideia fixa, — por que pensa que sou médico?

— É porque você é tão gentil e tão bom para as mulheres!

— Que lógica esquisita! — murmurei.

— Oh! Não me engano, conheci uma porção. Gosto tanto desses homens que, embora eu não seja doente, costumo procurá-los, só pelo prazer de vê-los. Há os que me dizem friamente: “A senhora não tem nada!” Mas, há outros que me compreendem, porque os trato com carinho.

— E quando não compreendem?

— Ora! Quando os amolo inutilmente, deixo dez francos em cima do aquecedor. São tão bons e tão amáveis! Na Santa Casa, descobri um moço interno que é bonito como um anjo! Tão delicado! E como trabalha, o pobrezinho! Os companheiros dele me disseram que não tem um vintém, porque os pais são pobres e não podem mandar nada para ele. Isso me encorajou. Além disso, sou bonita, embora ainda muito moça. Eu lhe disse: “Vá me visitar, vá me visitar de vez em quando. Não se preocupe comigo, pois não preciso de dinheiro.” Mas, você compreende que lhe dei a entender isso com uma porção de rodeios, sem lhe dizer a coisa cruamente. Eu tinha tanto medo de humilhar o queridinho! Pois bem, acredita que tenho um desejo estranho que não me atrevo a dizer-lhe? Eu desejava que ele fosse visitar-me com a maleta e de avental, mesmo que estivesse um pouco sujo de sangue! Disse isso com um ar de ingenuidade, como um homem sensível diria a uma comediante que amasse: “Quero vê-la vestida com a roupa que trazia no famoso papel de sua criação!”

Obstinado, repliquei-lhe: — Não se recorda da época e da ocasião em que lhe nasceu essa paixão estranha?

Foi difícil fazer-me compreender. Afinal, quando o consegui, ela respondeu-me com um ar muito triste e, se não me engano, desviando o olhar: — Não sei... Não me lembro mais...

Que maravilhas não se encontram numa grande cidade, quando se sabe passear e observar? A vida regurgita de monstros inocentes.

Meu Deus! Vós, que sois o Criador, que sois o Soberano; vós, que fizestes a Lei e a Liberdade; vós, rei indulgente e juiz que perdoa; vós, que sois cheio de motivos e de causas e que talvez tenhais posto no meu espírito o prazer do horror para converter-me o coração, como a cura na extremidade de uma lâmina; tende piedade, Senhor, tende piedade dos loucos e das loucas! Poderão existir monstros aos olhos do Criador, que sabe por que eles existem, como foram feitos e como não poderiam deixar de ser feitos?

Esta vida é um hospital em que cada doente é dominado pelo desejo de mudar de leito. Um desejaria sofrer em frente à estufa, outro julga que se restabeleceria junto à janela.

Por mim, tenho a impressão de que estaria sempre bem onde não estou, e essa questão de mudança é uma das que discuto constantemente com minha alma.

— Alma, minha pobre alma enregelada, que diria se fôssemos morar em Lisboa? Lá, deve fazer calor, e ficarias esperta como uma lagartixa. É uma cidade à beira-mar. Dizem que é construída de mármore e que o povo odeia os vegetais, arrancando todas as árvores. É uma paisagem ao teu gosto, uma paisagem feita de luz e minerais, além do líquido para refrescá-los!

A alma não responde.

— Se amas tanto o repouso, ante o espetáculo do movimento, queres ir morar na Holanda, essa terra abençoada? Talvez te divertisses nessa região cuja imagem tantas vezes admiraste nos museus. Que achas de Rotterdam, tu que aprecias as florestas de mastros e os navios atracados junto às casas?

Minha alma continua silenciosa.

— Talvez a Batávia te sorrisse mais. Além disso, encontraríamos lá o espírito da Europa casado com a beleza tropical.

Nem uma palavra. Minha alma estaria morta?

— Terás chegado a um tal estado de letargia que só estejas satisfeita com teu mal? Nesse caso, fujamos para os países que evocam a Morte. Assumo o compromisso, pobre alma! Arrumaremos as malas pra Tornéu. Ou vamos mais longe ainda, para os extremos confins do Báltico; mais longe ainda da vida, se for possível; instalemo-nos no polo. Lá, o sol apenas toca a terra obliquamente, e as lentas alternativas da luz e da noite suprimem a variedade e aumentam a monotonia, essa metade do nada. Lá, poderemos tomar longos banhos de trevas, ao mesmo tempo que, para divertir-nos, as auroras boreais nos enviarão de vez em quando os seus feixes róseos, como reflexos de um fogo de artifício do Inferno!

Finalmente, minha alma intervém e exclama com sabedoria: — Não importa onde! Não importa o lugar! O essencial é que seja fora deste mundo!

XLIX

MATEMOS OS POBRES!

Fazia quinze dias que eu estava exilado no meu quarto, cercado de livros em voga na época, isto é, há dezesseis ou dezessete anos atrás. Refiro-me aos livros que tratam da arte de tornar os povos felizes, sábios e ricos, em vinte e quatro horas. Eu digirira, ou melhor, engolira todas as elucubrações de todos esses empresários da felicidade pública, que aconselham os pobres a se tornarem escravos, e de todos os que procuram convencê-los de que são reis destronados. Não será de admirar que eu estivesse, então, num estado de espírito que se aproximava da vertigem ou da estupidez.

Confinado no fundo do meu intelecto, apenas sentia o gérmen obscuro de uma ideia superior a todas as fórmulas de boa mulher, cujo dicionário eu acabara de percorrer. Mas, era simplesmente a ideia de uma ideia, alguma coisa de infinitamente vago.

Afinal, saí com uma grande sede. O gosto apaixonado das más leituras engendra uma

necessidade proporcional do ar livre e dos refrescos.

Ao entrar num bar, um mendigo estendeu-me o chapéu, lançando-me um desses olhares inesquecíveis que seriam capazes de derrubar os tronos, se o espírito pudesse abalar a matéria e se os olhos de um magnetizador lograssem amadurecer as uvas.

Ao mesmo tempo, ouvi uma voz cochichar ao meu ouvido, uma voz que reconheci bem: era a voz de um Anjo bom, ou de um bom Demônio, que me acompanha por toda parte. Se Sócrates (44) tinha o seu bom Demônio, porque não teria eu o meu Anjo bom, e porque não teria a honra, como Sócrates, de obter o meu título de loucura, assinado pelo sutil Lelut (45) e pelo circunspecto Baillarger (46)? Entre o Demônio de Sócrates e o meu, existe uma diferença: é que o de Sócrates só se manifestava para evitar, impedir, avisar, ao passo que o meu se digna aconselhar, sugerir, persuadir. O pobre Sócrates tinha apenas um demônio proibidor, e o meu é um grande afirmador, um Demônio de ação, ou de combate.

Mas, aquela voz murmurava-me o seguinte: — Só é igual de outrem quem o prova, e só é digno de liberdade quem sabe conquistá-la.

Imediatamente, saltei sobre o mendigo. Com um único soco, tapei-lhe um olho, que ficou, num segundo, grande como uma bola. Parti uma unha quebrando-lhe os dentes e, como não me sentisse bastante forte, por ter nascido franzino e ser pouco exercitado no box, para liquidar rapidamente o velhote, peguei-o com uma das mãos pela gola do casaco e, com a outra, apertei-lhe a garganta e pus-me a sacudir vigorosamente a cabeça contra um muro. Devo confessar que tomara a preocupação de inspecionar os arredores com um rápido olhar e que verificara que, naquele arrabalde deserto, estaria muito tempo fora do alcance de algum agente de polícia.

Depois, com um pontapé nas costas, bastante violento para quebrar-lhe as omoplatas, joguei por terra o enfraquecido sexagenário e, empunhando um grosso galho de árvore que estava no chão, bati-lhe com a energia dos cozinheiros, quando querem amolecer um bife.

De repente, — oh milagre! Oh satisfação do filósofo que verifica a excelência de sua teoria! — vi aquela velha carcaça voltar-se, endireitar-se com uma energia que eu jamais teria suspeitado numa máquina tão singularmente desarranjada. E, com um olhar de ódio que me pareceu de bom augúrio, o decrepito vagabundo atirou-se sobre mim, contundiu-me os dois olhos, quebrou-me quatro dentes e, com o mesmo galho de árvore, me bateu até mais não poder. Com minha enérgica medicação, eu lhe dera o orgulho e a vida.

Esforcei-me, então, por lhe fazer compreender que considerava a discussão acabada e , levantando-me com a satisfação de um sofista do Pórtico (47), disse-lhe o seguinte: — Cavalheiro, o sr. é meu igual! Queira dar-me a honra de partilhar comigo a minha bolsa. E, se é realmente filantropo, lembre-se de que é preciso aplicar a todos os seus confrades, quando lhe pedirem uma esmola, a teoria que eu tive o pesar de pôr à prova em suas costas.

Ele jurou que tinha compreendido minha teoria e que obedeceria ao meu conselho.

Nunca me envergonhei, mesmo diante dos jovens escritores do meu século, da minha admiração por Buffon (49). Hoje, porém, não é a alma desse pintor da natureza maravilhosa que eu chamarei em meu auxílio. Não.

Preferiria dirigir-me a Sterne (50) e dizer-lhe: — Desce do céu, ou sobe dos Campos Elíseos (51) até a mim, para inspirar-me, em favor dos bons cães, dos pobres cães, um canto digno de ti, oh humorista sentimental, oh incomparável humorista! Volta montado no famoso burrico que te acompanha para sempre na memória da posteridade! E não se esqueça esse burrico de trazer, delicadamente pendurado nos lábios, o biscoito imortal! Abaixo a musa acadêmica! Nada posso fazer com essa velha labrega. Invoco a musa familiar, civilizada, viva, para que me ajude a louvar os bons cães, os pobres cães, os cães enlameados, que todos evitam, como pestíferos e piolhentos, exceto o pobre, do qual são sócios, e o poeta, que os olha fraternalmente.

Fora o cachorro faceiro, o enfatuado quadrúpede, dinamarquês, king-charles, carlino ou gredino, tão cheio de si que se lança indiscretamente nas pernas ou nos joelhos do visitante, como se estivesse certo de agradar, turbulento como um garoto, fútil como uma sirigaita e, às vezes, grosseiro e insolente como um criado! Fora com essas serpentes de quatro patas, travessas e vadias, que se chamam lebreiras e que nem ao menos têm no pontudo focinho o faro bastante para seguir a pista de um amigo, nem na cabeça achatada bastante inteligência para jogar o dominó! Corrente para esses importunos parasitas! Voltem todos para a casinhola macia e forrada de crina! Eu canto o cão enlameado, o cão pobre, o cão sem domicílio, o cão vagabundo, o cão saltimbanco, o cão cujo instinto, como o do pobre, de histrião e de boêmio, é maravilhosamente aguçado pela necessidade, essa mãe bondosa, verdadeira patrona das inteligências! Eu canto os cães calamitosos, quer os que erram, solitários, nas ravinas sinuosas das imensas cidades, quer os que disseram ao homem abandonado, piscando os olhos espirituais: — Leva-me contigo, e das nossas misérias talvez façamos uma espécie de felicidade! Aonde vão os cães? — Indagava outrora Nestor Roqueplan (52) num imortal folhetim que ele sem dúvida esqueceu e do qual somente eu e talvez Sainte-Beuve (53) ainda nos lembramos.

Perguntais aonde vão os cães, oh homens pouco observadores? Vão cuidar dos seus afazeres.

Questões de negócio, questões de amor. Através a bruma, a neve e o barro, sob a canícula causticante ou a chuva a escorrer, vão, voltam, disparam, passam debaixo dos veículos, excitados pelas pulgas, a paixão, a necessidade ou o dever. Como nós, levantam-se muito cedo e vão cuidar da vida ou entregar-se aos seus prazeres.

Há os que se deitam diariamente numa ruína do subúrbio e, sempre à mesma hora, vão reclamar sua esmola à porta de uma cozinha do Palais-Royal (54); e há os que acorrem, aos bandos, de mais de cinco léguas, para partilhar a refeição que lhes prepara a caridade de certas donzelas sexagenárias, cujo coração desocupado se dedica aos animais, porque os homens imbecis o desprezam.

Há outros que, como negros fugidos, loucos de amor, deixam de vez em quando o seu bairro para virem à cidade saracotear durante uma hora ao redor de uma bonita cadela, um pouco descuidada na toilette, mas orgulhosa e reconhecida.

São todos muito pontuais, sem precisarem de notas ou apontamentos.

Vós, que conheceis a preguiçosa Bélgica, já admirastes como eu esses cães vigorosos atrelados à carrocinha do carnicheiro, da leiteira ou do padeiro, e que, com latidos de triunfo, testemunham o orgulhoso prazer que experimentam ao rivalizar com os cavalos? Aqui estão dois que pertencem a uma ordem ainda mais civilizada! Permita-me que vos introduza no quarto do saltimbanco ausente. Uma cama de madeira pintada, sem cortinados, cobertas em desordem e manchadas de percevejo, duas cadeiras de palha, uma panela de ferro, um ou dois instrumentos de música desafinados. Triste mobiliário! Mas, peço-lhe olhar para esses dois personagens inteligentes, de roupa ao mesmo tempo puída e suntuosa, cobertos como trovadores ou militares, a vigiar, com atenção de feiticeiros, a obra sem nome que requeixa na panela ao fogo, com uma comprida colher plantada no meio, como um mastro a indicar que a construção está acabada.

Não é justo que tão zelosos comediantes não se ponham a caminho sem ter forrado o estômago com uma sopa forte e substanciosa? E não perdoareis um pouco de sensualidade a esses pobres-diabos que, todos os dias, se veem obrigados a afrontar a indiferença do público e as injustiças de um diretor que fica com a melhor parte, comendo sozinho mais sopa do que quatro comediantes? Quantas vezes contemplei, a sorrir enternecido, todos esses filósofos de quatro patas, escravos complacentes, submissos e devotados, que o dicionário republicano tão bem poderia qualificar de serviçais, se a república, muito preocupada com a felicidade dos homens, tivesse tempo para cuidar da honra dos cães! E quantas vezes pensei que talvez houvesse um retiro (quem sabe, afinal?) para recompensar tanta coragem, tanta paciência e labor, um paraíso especial para os bons cães, os pobres cães, os cães enlameados e desolados. Afirma Swedenborg (55) que há um para os turcos e um para os holandeses! Os pastores de Virgílio (56) e de Teócrito (57) esperavam, como paga dos seus cantos modulados, um bom queijo, uma flauta do melhor fabricante, ou uma cabra de tetas bem cheias. O poeta que cantou os pobres cães recebeu como recompensa um bonito colete de uma só cor, ao mesmo tempo rica e desbotada, que faz pensar nos sóis de outono, na beleza das mulheres maduras e no verão de Saint-Martin (58).

Nenhum dos que estiveram na taberna da rua Villa Hermosa esquecerá a petulância com que o pintor tirou o colete para dá-lo ao poeta, compreendendo quanto era bom e honesto cantar os pobres cães.

Tal um magnífico tirano italiano, dos bons tempos, que oferecia ao divino Aretino (59) uma adaga cravejada de pedras preciosas, ou uma capa de couro, em troca de um precioso soneto ou de um curioso poema satírico.

E toda vez que o poeta veste o colete do pintor, é constrangido a pensar nos bons cães, nos cães filósofos, no verão de Saint-Martin e na beleza das mulheres maduras.

Eu subi à montanha e pus-me a contemplar
A cidade maldita, em sua vastidão:
Hospital, purgatório, inferno, lupanar,
Tudo, tudo a florir, como a flor em botão.
Bem sabes, Satanás, patrono da desgraça,
Que eu não iria lá para chorar em vão:
Como o amante senil de uma velha devassa,
Desejei me fartar da enorme barregã,
Cujos cantos infernal me remoça e me enlaça.
Quer te veja a dormir nos lençóis da manhã,
Fria, pesada, obscura, e quer te possa ver,
Com teu véu de ouro e treva, enfeitada e louçã,
Eu te amo, oh capital, como tu deves ser:
Bandidos, cortesãs, a prodigar prazeres
Que o profano vulgar não pode compreender.

NOTAS

(1) Arsène HOUSSAYE (1815-1896), literato francês, autor de várias obras de grande espírito: Quadragésima Primeira Cadeira da Academia Francesa, O Rei Voltaire, etc.

(2) Aloysius BERTRAND, contemporâneo de Baudelaire, autor das Fantasias e do Gaspard de la Nuit.

(3) Fêmea do silfo, gênio do ar na mitologia céltica e germânica da Idade Média.

(4) François-René de CHATEAUBRIAND (1768-1848), ilustre escritor francês, autor de numerosas obras, entre as quais se encontra o romance René (1805), no qual o próprio escritor aparece com o nome do seu herói. René ficou sendo o tipo das almas melancólicas que se perdem no sentimento vago do infinito e na aversão à realidade.

(5) Monstro com três cabeças, cujo corpo, meio cabra meio leão, tinha cauda de dragão e vomitava chamas pela boca. Foi morto por Belerofonte, herói mitológico.

(6) Rei de Creta, sábio legislador, juiz dos infernos com Eaco e Radamanto.

(7) Filho de Júpiter, rei de Egina. Célebre por sua justiça, passou, depois de sua morte, a ser um dos três juizes dos infernos, com Minos e Radamanto.

(8) Um dos três juizes dos infernos, filho de Júpiter e irmão de Minos.

(9) Luc de Clapiers, marquês de VAUVENARGUES (1715-1747), moralista francês, autor de Máximas de grande elevação moral.

(10) Palhaços cuja peruca termina por um rabo amarrado com uma fita vermelha.

(11) Personagens das antigas comédias francesas, que se caracterizam por uma extrema credulidade, sendo por isso motivo de troça dos seus companheiros.

(12) Jean-Baptiste Poquelin, ou MOLIÈRE (1622-1673), autor cômico francês, verdadeiramente genial, amigo de Boileau, de Racine e de La Fontaine. Deixou uma admirável coleção de comédias e farsas, e uma galeria incomparável de personagens que, como Harpagão, Tartufo, Alceste e muitos outros, se tornaram imortais, não só nas letras francesas, como nas de todos os países.

(13) O mais célebre dos heróis da mitologia grega, filho de Júpiter e de Alcmena. Tornou-se famoso por sua extraordinária força física, tendo executado as perigosas empresas conhecidas sob o nome de Doze Trabalhos de Hércules.

(14) Do napolitano Cuccagna, palavra que significa fartura, abundância.

(15) Uma das ilhas de Sonda. Solo fértil, vegetação e fauna luxuriantes.

(16) Moeda de prata ou de ouro em vários países.

(17) Nome grego do deus do Amor.

(18) Deus das riquezas.

(19) Baco, deus romano do vinho, filho de Júpiter, por quem foi mandado para a Trácia, onde as ninfas o educaram. Baco ensinou ali a cultura da vinha e, para comunicar a sua arte aos homens, percorreu numerosas terras, entre as quais o Egito e a Índia.

(20) Do hebraico schabbat: descanso religioso que, segundo a lei de Moisés, deviam os judeus observar no sétimo dia da semana, consagrado a Deus. Era também uma assembleia noturna de bruxos e de bruxas que, segundo uma superstição popular, se reunia sob a

presidência de Satanás, no sábado à meia-noite.

(21) Robinson Crusóé, título e personagem principal de um romance célebre de Daniel de Foé (1719). É a história de um homem que se vê abandonado numa ilha deserta e que, à força de coragem e perseverança, consegue vencer as terríveis dificuldades que tal situação lhe criara.

(22) Antoine-Joseph SANTERRE (1752-1809), negociante de cerveja que comandou a guarda nacional de Paris em 1793 e foi general de divisão durante as guerras de Vandeia.

(23) Jean de LA BRUYÈRE (1645-1696), moralista francês, cuja obra Os Caracteres, traduzida em português, vem incluída nesta mesma biblioteca.

(24) Blaise PASCAL (1623-1662), matemático, físico e filósofo francês, autor das Provinciais e dos Pensamentos, estes últimos já traduzidos em nosso idioma e incluídos nesta biblioteca.

(25) Jovem malabaresa, filha de uma indiana de Benares, ama das filhas de Madame Autard de Bragard. Era de rara beleza e casou-se aos vinte anos de idade com o ilustre diplomata Ferdinand de Lesseps.

(26) Teatro monumental construído em Paris de 1862 a 1874. É considerado como o mais belo do mundo.

(27) Região do sudeste africano, habitada pelos cafres.

(28) Moeda de prata de diversos países e de valor muito variável.

(29) HEBE, deusa da juventude, filha de Júpiter e de Juno. Júpiter encarregou-a de oferecer aos deuses o néctar e a ambrosia, no que foi mais tarde substituída por Ganimedes. Casou-se com Hércules e foi então incluída no número dos deuses.

(30) Príncipe troiano, que Zeus transformou em águia para fazer dele o escanção dos deuses.

(31) NERO, imperador romano de 54 a 68. Famoso por suas crueldades.

(32) Lótus ou lódão, fruto que, segundo a mitologia, era tão delicioso que fazia esquecer a pátria aos estrangeiros, por isso chamados lotófagos.

(33) Edouard MANET (1823-1883), pintor francês, um dos mestres do impressionismo.

(34) Franz LISZT (1811-1886), grande compositor e pianista húngaro.

(35) As bacantes eram sacerdotisas que celebravam os mistérios do culto de Baco. Corriam ao acaso, desgrenhadas, coroadas de hera e de ramos de vinha, com o tirso em punho, dançando e soltando gritos discordantes. Essas festas, denominadas bacanais, eram antigamente celebradas no Egito e na Grécia e foram depois introduzidas em Roma, onde originaram desordens e escândalos, a que o senado teve que pôr cobro (186 a.c.).

(36) Região da antiga Grécia.

(37) Dríades ou dríadas, antigas divindades silvestres, ninfas dos bosques.

(38) MINERVA, também chamada PALAS ou ATENA entre os gregos, era a deusa da sabedoria e das artes. A lenda representa-a saindo armada da cabeça de Júpiter, que Vulcano abriu com um machado.

(39) Cabaré situado na estrada de Bruxelas a Neclé.

(40) Célebre poeta latino, que fazia consistir a felicidade no uso moderado dos bens da vida.

(41) Filósofo grego, que ensinava que o prazer é o supremo bem do homem e que todos os nossos esforços devem tender a obtê-lo.

(42) Henri de RÉGNIER, poeta e romancista francês, nascido em 1864, um dos chefes da escola simbolista. Tem como obra Medalhas de Argila e outras.

(43) “Onde quer que seja fora do mundo”.

(44) Ilustre filósofo grego, cuja doutrina foi exposta por Platão.

(45) LELUT (1804-1877), famoso psiquiatra, autor da obra Do Demônio de Sócrates.

(46) BAILLARGER (1806-1891), célebre alienista, autor de um Ensaio de Classificação dos Doentes Mentais.

(47) Seita filosófica dos estóicos, cujo chefe, Zenão, ensinava debaixo de um pórtico de Atenas.

(48) Joseph STEVENS (1819-1897), famoso pintor belga.

(49) Georges-Louis Leclerc de BUFFON (1707-1778), naturalista e escritor francês, autor da História Natural que apareceu de 1749 a 1789. Sábio dos mais eminentes, previu em sua obra, em vários importantes, as descobertas contemporâneas.

(50) Laurence Sterne (1713-1768), escritor inglês, autor de Tristram Shandey e da Viagem Sentimental. Estilo cheio de humor e de emoção.

(51) Na mitologia greco-romana, nome que se dá à mansão das almas dos que foram virtuosos durante a vida.

(52) Nestor ROQUEPLAN (1804-1870), literato francês e diretor de teatros.

(53) Charles-Augustin de SAINTE-BEUVE (1804-1869), célebre crítico francês, autor de numerosas obras: Odes, Vida, Poesia e Pensamentos de Joseph Delorme, Volúpia, Retratos Literários, Port-Royal, Palestras de Segunda-Feira, etc.

(54) Célebre monumento de Paris, que Lemercier construiu em 1629 pra Richelieu (de onde o nome primitivo de Palais-Cardinal). Esse edifício, que se tornou propriedade nacional, passou por importantes reformas e foi durante muito tempo a residência dos príncipes de Orléans.

(55) Emmanuel SWEDENBORG (1688-1772), filósofo místico sueco.

(56) VIRGÍLIO (70-19 a.c.), o mais célebre dos poetas latinos, autor da Eneida, das Geórgicas e das Bucólicas.

(57) Poeta grego, autor dos Idílios e dos Epigramas. Foi o criador do gênero bucólico e pastoril, mais tarde imitado por Virgílio.

(58) Uma das pequenas Antilhas, dois terços da qual pertencem à França (capital Le Marigot).

(59) Pedro ARETINO (1492-1557), famoso satírico italiano, nascido em Arezzo. Considerado licencioso e mau, mas admirado por seu estilo cheio de espírito. Autor dos Diálogos.

Este livro foi composto e impresso na
Empresa Gráfica da “Revista dos Tribunais”,
Rua Xavier de Toledo, 72 — S. Paulo,
para a Athena Editora — Rio, em
Agosto de 1937.